... ESTAMOS RECRUTANDO FATORES POSTOS Á MARGEM. FORÇAS ESCONDIDAS. MAL APALPADAS. QUE AINDA NÃO COUBERAM NO SISTEMA METRICO OCIDENTAL. INDIO. RAÇA-ALICERCE. A QUE ESTÁ EM CONTACTO COM A TERRA. SUBJACENTE. MAS DETERMINANDO AS LINHAS DO EDIFICIO. — RAUL BOPP

A SELVA

O periodico de maior circulação nos municipios do Amazonas e Acre

Diretor : SILVERIO-CLOVIS BARBOSA
Diretor-responsavel : CLOVIS BARBOSA

...Esta fascinação do problema da terra e da humanidade que a habita ha de ser sempre o mais fecundo elemento de criação de um pensamento nosso e uma arte nossa.
TASSO DA SILVEIRA

REDAÇÃO E GERENCIA (provisorias)
AVENIDA SETE DE SETEMBRO, 649
CAIXA POSTAL, 297 — TEL. 69
ASSINATURA, ANUAL, PARA TODO O BRASIL-15$000

Ano I — Num. 10 | MANAUS — 31 de Março de 1938 | 16 paginas — $400

O FALSO IDEALISMO DOS INTELECTUAIS

Não existe a minima correspondencia entre o progresso dos espiritos e o progresso das almas. Póde-se mesmo dizer que tanto mais se degradam os sentimentos quanto mais se apuram as ideias.

Vem de longe, aliás, a proclamação desencantada e, mais do que isso, inquietante, dessa verdade triste.

Encontramo-la, por exemplo, nas paginas vetustas dos Evangelhos, quando afirmam que o reino dos céus está reservado para as criaturas de poucas luzes.

Qual o motivo desse privilegio, que ao primeiro exame parece absurdo e odioso por todos os aspectos?

Serem tais criaturas as que mais sofrem?

Ou serem as que menos fazem sofrer?

A primeira hipotese é inaceitavel, porquanto nada mais evidente do que estar no saber uma das maiores fontes de inquietação e de amargura.

Parodia que se impõe, do ponto de vista puramente vocabular: "Penso; logo padeço".

E... faço padecer.

A fôrça de corrupção da inteligencia é um dos espetaculos mais entristecedores que a vida oferece.

Não ha como os ceticos para terem delicadesa de sensibilidade. Foi em virtude, precisamente, do seu ceticismo que Renan se perturbou de tal maneira diante daquela realidade dolorosa. E emitiu, no meio do assombro universal, gerado pela universal incompreensão, o seu libélo contra o ensino obrigatorio.

A intensificação da vida interior possúe feição indiscutivelmente sublimadora, mas tão só pelo lado estético. E justamente a sublimação que assim se opéra, determina reflêxos de carater oposto, isto é, francamente negativo, nos dominios da vida moral.

Ora, foi isso que a dialética renaniana deixou em evidencia plena, visto como girou em torno do poder que tem a cultura, de produzir interminavel multiplicação de apetites e de ansias. Tudo quanto se enuncia nestas linhas, com melancolia e bravura, é em rigor axiomático.

Por que, então, adquire essas ressonancias de paradoxo e de blasfemia?

Porque as belesas do pensamento, de tão radiosas e extasiantes, inclinam, de fórma irresistivel, á crença de que belesas do sentimento, as acompanhem e completem.

Mas é o contrario, desgraçadamente, que se observa. E quem tiver a louca pretenção de contestá-lo, considere, por alguns instantes que seja, o modo por que se tratam reciprocamente os intelectuais.

Ferri, que escreveu palavras inesqueciveis sobre a vaidade dos homens de letras, ou, mais genericamente, de todos os artistas, seria provavelmente de parecer que aí está o pomo de discordia. Vaidade tão grande, segundo o mestre, que a das mulheres, tão discutida e malsinada, faz ridicula figura no cotejo...

Não é licito afirmar-se que em semelhante estado de alma tudo seja

(Conclue, adiante)

BENJAMIN LIMA

NATAL

(rua da Conceição — 565)
22 de Fevereiro de 1938.

Clovis Barbosa.

Muito agradeço o gentil envio de alguns numeros de A SELVA destinados pela sua fidalguia á minha curiosidade. Trouxeram eles a lembrança viva dessa selva, não escura e selvaggia, mas verde e linda, povoada de claros espiritos acolhedores.

Ponho toda minha esperança na perpetuidade dessa selva literaria que levará as mais nobres sementes culturais da inteligencia amazonica aos recantos do Brasil. Tanto mais estudo e amo essa região de assombro mais me convenço que nela o que ha de desmarcado, maravilhoso, inexplicavel, é justamente o Homem. Contra ele agrupam-se floresta e rio, distancia e esquecimento, asperidades economicas e desambiente intelectual. Para uma atitude que seria rapida e serenas noutras cidades e terras de cenario socialmente perfeito em Amazonas é milagre de obstinação, de vontade terebrante, de teima que recorda todas as teimas classicas desde a onda e o rochedo até o empacamento inarredavel do jumento andalúz. Uma revista como A SELVA denuncia um exemplar de otimismo creador, uma brusca e alegre arrancada das almas em serviço perene do pensamento. Criar uma civilização onde o brasileiro plantou Manaus é um orgulho muito maior, mais humano, logico e natural que a inclusão da cachoeira de Iguassú ou as adarvas escuras das Agulhas Negras recortadas no ceu, na lista das glorias de nossa terra lirica. Toda vez que falo no Amazonas resalto o Homem para coroá-lo. A SELVA é um dos florões dessa coroa, insusceptivel de abdicação e renuncia, digna dum basilêus e usada por um povo inteiro. Reafirmo meu agradecimento e espero que A SELVA não perca a trilha humilde que a traz de sua graça espiritual á minha pobreza rica de coração.

LUIS DA CAMARA CASCUDO

SI ha espirito permanentemente interessado pelos sêres e coisas da Amazonia, esse é, por certo, o de Nunes Pereira.

Lá fóra atestam-no jornais e revistas do Sul-ele é dos que mais estão excitando a curiosidade nacional para os aspectos da nossa vida.

E, aqui, ha um ano entre nós, ainda não cessou o seu entusiasmo por lhe conhecer todas as realidades e todos os misterios. Em viagem pelo Rio Madeira, desde Dezembro do ano passado, Nunes Pereira visitou alguns dos representantes da famosa tribu Kawahiba-Parintintin, em terras de "TRES CASAS", de Souza Lobo, no intuito de verificar a transição de cultura por que passaram em contrato pacifico com seringueiros e castanheiros que, dezesete anos atrás, lhes moviam encarniçada guerra.

Dessa visita, que obedeceu a um plano de pura investigação etnológica, trouxe Nunes Pereira TAYUKA, um livro que pretende encaminhar, ainda este ano, a José Olimpio ou á Editora Nacional.

Em TAYUKA, além das atividades materiais e espirituais dos Kawahiba-Parintintin, foram reunidas lendas originais e variantes, bem assim algumas "experiencias" do semi-deus BAHERA, que Nunes Pereira identificou.

A SELVA teve a primazia de divulgar, no numero de hoje, pelo Brasil afóra, a lenda d'O JABOTI, a ARARA e o MARACANAN.

O JABOTI, A ARARA E O MARACANAN

(LENDA KAWAHIBA-PARINTINTIN)

N u n e s P e r e i r a

Quando o Jaboti chegou á idade de casar não escolheu mulher entre a sua gente: casou-se com a Arara-obê. Logo no primeiro dia do casamento, porém, brigaram. O Jaboti tinha o apelido de Miná e a Arara-obê, indo oferecer-lhe mingau, que em lingua Kawahiba é miná, por troça, disse: — Coróné Miná... miná!

(Mais ou menos como quem dissesse: Mingau... toma mingau!)

O Jaboti, repelindo a cuia, respondeu: — Não quero, não!

(Conclue, adiante)

Um romancista, uma poetisa e um artista, Graciliano Ramos (ao fundo), Adalgisa Nery e Santa Rosa

TEXTO — NA PAG. 7

O CHEFE DO GOVERNO NACIONAL

O PRESIDENTE GETULIO VARGAS, NA ENTREVISTA DE PETROPOLIS, REVELOU MAIS UMA VEZ AS SUAS ALTAS QUALIDADES DE OBSERVAÇÃO E SENSIBILIDADE PATRIOTICA. ELE E' UM HOMEM DE ESTADO QUE PENSA. ENCONTREI-O SEMPRE, DURANTE OS TRES ANOS, EM QUE FUI MINISTRO, DESPACHANDO OS ASSUNTOS SUBMETIDOS AO SEU EXAME, OU MEDITANDO. SURPREENDI-O VARIAS VEZES, EM HORAS DIFERENTES, PELA MANHÃ OU ALTA NOITE, INVARIAVELMENTE CALMO, DOMINADO PELA REFLEXÃO. E E' UM CONTEMPLATIVO QUE DESPERTA PARA A AÇÃO COM UMA ENERGIA, UMA CORAGEM E UMA SERENIDADE SINGULARES.

E' UM HOMEM CEREBRO. OUVE ATENTAMENTE A EXPOSIÇÃO SOBRE UM PROBLEMA ADMINISTRATIVO OU ECONOMICO. DEPOIS, FAZ VARIAS INDAGAÇÕES. PERGUNTA MUITO. E SE FECHA, SEM DAR A SOLUÇÃO IMEDIATA. VAI REFLETIR. PASSAM-SE OS DIAS E QUANDO O MINISTRO MENOS ESPERA, ELE RESOLVE O ASSUNTO COM EQUILIBRIO E ACERTO. E ACERTA PORQUE, EM TODAS AS QUESTÕES, SO' PROCURA DESCOBRIR E REVELAR A CONVENIENCIA PUBLICA OU O QUE E' DE INTERESSE GERAL.

NUNCA O VI EXALTADO, MESMO NA HORA MAIS AGUDA E MAIS CRUEL DAS PROVAÇÕES POLITICAS. NÃO O VI SIQUER REVOLTADO CONTRA A INGRATIDÃO OU A INJUSTIÇA. AO CONTRARIO, A SUA ATITUDE ERA SEMPRE DE UM DESPREZO FRIO PARA A INCOERENCIA OU MALDADE HUMANA. DAÍ O SEU HORROR A'S SOLUÇÕES VIOLENTAS E VENCER TODAS AS PAIXÕES PELO RACIOCINIO.

Agamenon Magalhães

O CONTO DA QUINZENA

Mario de ANDRADE

TUMULO

Belazarte me contou:

Caso triste foi o que sucedeu lá em casa mesmo... Eu sempre falo que a gente deve ser energico, nunca desanimar, que se entregar é covardia, porém quando a coisa desanda, não tem energia, não tem paciencia que faça desgraça parar.

Um tempo andei mais endinheirado, com emprego bom e inda por cima arranjando sempre uns biscates por aí, que me deixavam viver á larga. Dinheiro faz cocega em bolso de brasileiro, enquanto não se gasta não ha meios de sossegar, pois imaginei ter um criado só pra mim. Achava gostoso êsses pedaços de cinema: o dono vai saindo, vem o criado com chapeu e bengala na mão, "Prudencio, hoje não bóio em casa, querendo sair, pode. Té logo". "Té logo, seu Belazarte".

Veio um criado mas eu não simpatizava com êle não. Sei lá si percebeu? uma noite pediu a conta e dei graças. Levei uns pares de dias assim, até que indo ver uns terrenos longe, estava no mesmo banco do bonde um tiziu extraordinario de simpatico. Que olhos sossegados! você não imagina. Adoçavam tudo que nem verso de Rilke. Desci matutando, vi os terrenos, peguei o mesmo bonde que voltava. Instinto é uma curiosidade: quando o condutor veio cobrar a passagem e percebi que era o mesmo da ida, tive a certeza que o negrinho havia de estar no carro. Olhei pra trás, pois não é que estava mesmo! Encontrei os olhos dele, dito e feito: senti uma doçura por dentro, uma calma lenta, pensei: está aí, disso é que você carece pra criado. Mudei de banco e meio juruviá puxei conversa:

— Me diga u'a coisa, você não sabe por acaso de algum moço que queira ser meu criado? Mas quero brasileiro e preto.

Riu manso, apalpando a vista com a palpebra. Me olhou, respondendo com voz silenciosa, essa mesma de gente que não pensa nem viveu passado:

— Tem eu, sim senhor. O senhor querendo...

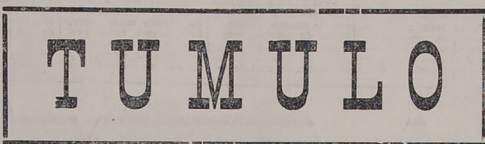
— Eu, eu quero sim, porquê não havia de querer? Quanto você pede?

TUMULO

Etc. E êle entrou pro meu serviço.

Quando indaguei o nome dele, falou que chamava Ellis.

Ellis era preto, já disse... Mas uma boniteza de pretura como nunca eu tinha visto assim. Como linhas até que não era essas coisas, meio nhato, porém aquela côr elevava o meu criado a tipo-de-beleza da raça tizia. Com dezenove anos sem nem um poucadico de barba, a epiderme de Ellis era um esplendor. Não brilhava mas não brilhava nada mesmo! Nem que êle estivesse trabalhando pesado, suor corria, ficava o risco da gota feito rastinho de lesma e só. Bastava que lavasse a cara, pronto: voltava o preto opaco outra vez. Era doce, aveludado o preto de Ellis... A gente se punha matutando que havia de ser bom passar a mão naquela côr humilde, mão que andou todo o dia apertando passe-bem de muito branco emproado e filho-da-mãi. Ellis trazia o cabelo sempre bem roçado, arredondando o coco. Pixaím fininho, tão fofo que era ver pirí de beira-rio. Beiço, não se percebia, negro tambem. Só mesmo o olhar amarelado, cor de olio de babosa, é que descansava no meio daquela igualdade perfeita. E' verdade que os dentes eram brancos, mas isso raramente se enxergava, porquê Ellis tinha um sorriso apenas entreaberto. Estava muito igualado com o movimento da miseria pra andar mostrando gengiva a cada passo. A gente tinha impressão que nada o espantava mais, e que Ellis via tudo preto, do mesmo preto exato da epiderme.

Como criado, manda a justiça contar que êle não foi inteiramente o que a gente está acostumado a chamar de criado bom. Não é que fosse ruím não, porêm tinha seus carnegões. Moleza chegou ali, parou. Limpava bem as coisas mas levava uma vida pra limpar esta janela. E depois deu de sair muito, não tinha noite que ficasse em casa. Mas no sentido de criado moral, Ellis foi sublime. De inteira confiança, discreto, e sobretudo amigo. Quando eu asperejava com êle, escutava tudo num desaponto que só vendo. Sei que eu desbaratava, ia desbaratando, ia ficando sem assunto pra desbaratar, meio com dó daquele tão humilde que, a gente percebia, não tinha feito nada por mal. Acabava sendo eu mesmo a discutir comigo,

— Sei bem que de tanto lavar copo vem um dia em que um escapole da mão... Está bom, veja si não quebra mais, ouviu?

— Sei, seu Belazarte.

E ficava esperando, jururú que fazia dó. Eu é que encafifava. Com aquele ôlho-de-pomba me seguindo, arrulhando pelo meu corpo numa bulha penarosa de carinho batido, eu nem sabia o que fazer. Pegava numa gravata, reparando que tinha pegado nela só pra gesticular, largava da gravata, arranja cabelo, arranja não-sei-o-quê, acabava sempre descobrindo poeira na roupa, u'a mancha, qualquer coisa assim:

— Ellis, me limpe isto.

Ele vinha chegando meio encolhido e limpava. Então ôlho-de-babosa pousava em minha justiça, tremendo:

— Está bom assim, seu Belazarte?

— Está. Pode ir.

Ia. Porêm ficava rondando. Mesmo que fosse lá em baixo trabalhar, me levava no pensamento, ia imaginando um jeito de me agradar. E não tinha mais parada nos agradinhos discretos enquanto eu não ria pra êle. Então gengiva aparecia. Quando chegava de noite já sabe, vinha pedindo pra ir no cinema. Eu tinha pena e deixava. E quantas vezes ainda não acabei dando dinheiro pro cinema!

Nesse andar é logico que eu mesmo estava fazendo arte de ficar sem criado. Foi o que sucedeu. Ellis tomou conta de mim duma vez. Piorar, piorou não, mas já estava dificil de dizer quem era o criado de nós dois. Sim porquê, afinal das contas quem que é o criado? quem serve ou quem não pode mais passar sem o serviço, digo mais, sem a companhia do outro?

— Ellis, você já sabe ler?... Uhm... acho que vou ensinar francês pra você, porquê si um dia eu for prá Europa, não vou sem você.

— Si seu Belazarte for, vou tambem.

Sempre com o mesmo respeito. A's vezes eu chegava em casa sorumbatico, moído com a trabalheira do dia, Ellis não falava nada, nem vinha com amolação, porêm não arredava pé de mim, descobrindo o que eu queria pra fazer. Foi uma dessas vezes que escutei êle falando no portão pra um companheiro:

— Hoje não, seu Belazarte carece de mim.

Até achei graça. E principiei verificando que aquilo não tinha jeito mais. Ellis não trabalhava. Estava tomando um lugar muito grande em minha vida. Pois então vamos fazer alguma coisa pelo futuro dele, decidi. Entramos os dois numa explicação que me abateu, por causa dos sentimentos desencontrados que me percorreram. Ellis me confessou que pensava mesmo em ser chofêr, mas não tinha dinheiro pra tirar a carta. Tive ciumes, palavra. Secretamente eu achava que êle devia só pensar em ser meu criado. Mas venci o sentimento bêsta e falei que isso era o de menos, porquê eu emprestava os cobres. Só que não pude vencer a fraqueza e, com pretexto de esclarecer, ajuntei:

— Você pense bem, decida e volte me falar. Chofêr é bom, dá bem, só que é ofício perigoso e já tem muito chofêr por aí. Muitas vezes a gente imagina que faz um giro e faz mas é um girau. Enfim, tudo isso é com você. Já falei que ajudo, ajudo.

Foi então que êle me confessou que precisava ganhar mais porquê estava com vontade de casar.

— Ellis, mas que idade você tem, Ellis!

— Dezanove, sim, senhor.

— Puxa! e você já quer casar!

Deu aquele sorriso entreaberto, sossegado:

— Gente pobre carece casar cedo, seu Belazarte, sinão vira que nem cachorro sem dono.

Não entendi logo a comparação. Ellis esclareceu:

— Pois é: cachorro sem dono não vive comendo lixo dos outros?...

Meio que me despeitava tambem Ellis gostar de mais alguem que do patrão, porêm já sei me livrar com facilidade desses egoismos. Perguntei quem era a moça.

— E' tizia que nem eu mesmo, seu Belazarte. Se chama Dora.

Encabulou, tocando na namorada. Falei mais uma vez pra êle pensar bem no que ia fazer e me comunicasse.

Dias depois êle veio:

— Seu Belazarte... andei matutando no que o senhor me falou, semana atrás...

— Resolveu?

— Pois então a gente pode fazer uma coisa: espero o dia-dos-anos do senhor e depois saio.

Tive um despeito machucando. De certo fui duro:

—Está bom, Ellis.

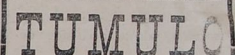
Não se mexeu. Depois de algum tempo, muito baixinho:

— Seu Belazarte...

— O que é.

— Mas... seu Belazarte... eu quero sair por bem da casa do senhor... até a Dora me falou que... me falou que de-certo o senhor aceitava ser nosso padrinho...

Custou êle falar de tanta comoção. Olhei pra êle. O olio de babosa distilava duas lagrimas negras no pretume liso. Me comovi tambem.

TUMULO

— Sai por bem, é logico! Não tenho queixa nenhuma de você.

— Quando o senhor quiser alguma coisa, me chame que eu venho fazer. O senhor foi muito bom pra mim...

— Não fui bom, Ellis, fui como devia porquê você tambem foi direito.

Botei a mão no ombro dele pra sossegar o comovido soluçante. Estava engasgado o pobre! Sem se esperar, rapido, virou a cara de lado, encolheu o ombro, beijou minha mão, partiu fechando a porta.

Já me sentava outra vez, pensando naquele beijo que fazia a minha mão tão recompensada por toda a humanidade, a porta abriu de leve. E êle, não se mostrando:

— Seu Belazarte, o senhor não falou que aceitava...

Até me ri.

-- Aceito, Ellis! Quando que você casa?

— Si arranjar licença logo, caso no dia 8 de dezembro, sim senhor, dia da Virgem Maria.

Não me logrou porêm logrou a Virgem Maria. Saiu de casa dias depois do meu aniversario, e nem bem dona Republica fez anos, casou com a Dora, num dia claro que parecia querer durar a vida inteira. Cheguei do casamento com uma felicidade artistica dentro de mim. Você não imagina que coisa mais bonita Ellis e Dora juntos! Mulatinha lisa, côr de ouro, isto é, côr de olio de babosa, côr dos olhos de Ellis! E nos olhos então todo êsse pretume impossivel que o medo põe na côr do mato á noite. Você de certo que já reparou: A gente vê uns olhos de menina boa e jura: "Palavra que nunca vi olho tão preto", vai ver? quando muito ôlho

(Conclue á pagina 15)

A Nação e o Estado

Identificação do povo e da organização política nacional — A união consubstancial da Sociedade e do Estado tornam no novo regimen supérfluos os orgãos intermediários — Eliminação necessária dos partidos — Caráter peculiar da política no Estado autoritário.

O estilo do Estado Novo, cujos traços inconfundíveis foram sucintamente delineados no capítulo anterior, reflete-se na organização nacional imprimindo-lhe um cunho democrático incomparavelmente mais puro que o dos regimens anteriormente estabelecidos pelas Constituições de 1891 e de 1934. Na atmosfera de desvirtuamento da democracia, que os erros doutrinários e as perversões introduzidas pelos costumes demagógicos crearam depois da revolução francêsa sob as aparências democráticas, destacava-se um fato bem significativo da deformação do que havia de essencial no regimen. A democracia não se caracteriza essencialmente por nenhum dêsses traços que as heresias democrático-liberais apresentavam como elementos individualizadores daquele regimen. As idéias de igualdade, de temporariedade dos mandatos e de certas limitações da esfera de atribuições do poder público, mesmo quando expurgadas dos erros que em tôrno de tais conceitos se haviam acumulado, não constituiam mais que aspectos secundários sobrepostos á natureza intrinseca dos fundamentos da democracia.

O que caracteriza êste regimen de modo inconfundivel, distinguindo-o das outras modalidades de organização política, é a identificação da Sociedade e do Estado. Essa união indissolúvel entre a coletividade nacional e a organização estatal é que torna o conceito da representação a base fundamental, necessária e insubstituível do regimen democrático. Onde o Estado não é a expressão organica da representação autêntica da Sociedade não ha democracia. Ampliando a fórmula restrita dos primeiros democratas da Inglaterra medieval, que afirmavam não poder haver tributação sem representação, resumiremos o critério identificador do regimen de que nos ocupamos dizendo que sem representação não ha democracia.

No capítulo anterior expuzemos o que se nos afigura ser o verdadeiro conceito da representação e julgâmos ter demonstrado que a representação autêntica só pode ser conseguida por processos que assegurem a manifestação verídica da vontade e das tendências dos elementos que constituem as fôrças dirigentes da vida social. O método demagógico de representação adotado na democracia liberal e nela considerado como o mais perfeito, isto é, o do sufrágio universal com eleição diréta, não permite nem pode permitir a representação autêntica das fôrças ativas da sociedade. Por outro lado, o processo de eleição indireta adotado pela nova Constituição brasileira e sobretudo com a associação de um sistema de representação das fôrças econômicas e profissionais, também prescrito pelo atual estatuto nacional no art 58, oferece garantias amplas de uma representação real da Sociedade no Estado.

O regimen hoje vigente entre nós tem, pois, por alicerces um método de representação que proporciona a comparticipação de todos os cidadãos na direção do Estado. Não se trata da comparticipação utópica, contraditória com a realidade social e inviável na prática, que os teoristas da democracia liberal imaginaram conseguir com o sufrágio universal e a eleição diréta partindo do postulado falso e mesmo absurdo da igualdade efetiva de todos os indivíduos que compõem a sociedade. A comparticipação assegurada a todos os brasileiros na direção do Estado, conforme os têrmos da Constituição de 10 de Novembro, apoia-se no critério objetivista do reconhecimento de realidades insofismáveis e permite a cada um intervir na direção da vida nacional, segundo a medida da sua capacidade e das responsabilidades de qualquer natureza com que se acha onerado no jôgo das fôrças sociais. Cada cidadão será representado no Estado e essa representação não será uma fórmula ficticia, mas a expressão de um fato real, por isso que a parcela de atuação cívica de cada um corresponde tão exatamente quanto possivel á função desempenhada no dinamismo coletivo.

Um dos problemas mais importantes e também de mais empolgante interesse técnico no tocante á organização política é, sem dúvida, a questão das relações entre a Sociedade e o Estado. Pode-se mesmo dizer que a teoria do Estado tem por ponto de partida a determinação de conceitos claros e positivos acêrca dêsse assunto fundamental.

O conceito do Estado deduzido da ideologia liberal-democrática reduzia a organização estatal a uma espécie de instrumento especializado da vontade social. E esta era compreendida como a resultante da soma das fôrças representadas por cada membro individual da coletividade. Assim, o Estado não era mais do que um aparêlho cujas funções se limitavam a coordenar ou, mais exatamente, a estabelecer uma certa harmonia entre os interêsses e as iniciativas individuais, no exercicio de atribuições que se restringiam ao círculo judiciário e policial. Além de tais funções, cabia apenas ao órgão estatal agir em defesa da coletividade nacional contra inimigos externos e desempenhar no tocante a certos setôres um papel, em que era aliás a sua atividade apenas tolerada, como sucedaneo da ação desenvolvida pelas iniciativas privadas.

Em tais condições, o Estado constituia apenas, como dissemos, um órgão da coletividade nacional, ocupando, portanto, em relação á Sociedade uma posição relativamente reduzida e inequivocamente subalterna. O conceito do Estado no século XX é radicalmente diferente. A tendência do pensamento político contemporaneo orienta-se no sentido da coincidência da esfera estatal com o círculo da atividade social. A teoria totalitarista, inerente tanto ao comunismo como ao fascismo, leva essa idéia ao último extremo, atribuindo ao Estado todas as funções da Sociedade, que, nos regimens totalitários, passa a ser na realidade um simples apêndice da organização estatal que absorve e concretiza toda a realidade social.

Entre êsses dois conceitos extremos, isto é, entre o Estado meramente regulador das atividades individuais, conforme a doutrina da democracia liberal, e o Estado totalitário, comunista ou fascista, destaca-se o Estado autoritário, tal qual existe hoje no Brasil e que nada tem de comum com qualquer das duas modalidades em que se polariza a idéia da organização política. Tanto o Estado liberal como o Estado totalitário correspondem a conceitos igualmente fictícios e utopistas da correlação entre a sociedade e a organização estatal. No caso do Estado baseado no principio individualista, a teoria não leva em conta a existência da Sociedade como fato real e concreto, pois abstráe de uma série de fenômenos complexos que caracterizam o dinamismo social e cuja repercussão no funcionamento e no sentido da maquinaria estatal não pode deixar de ser considerada. O conceito do Estado totalitário é viciado pelo êrro oposto, que consiste em eliminar a realidade irredutível representada pela personalidade humana, entre cujas manifestações se encontram atividades de caráter psicológico e de natureza material, sôbre as quais o contrôle estatal não se justifica e, quando exercido sob a pressão de imperiosos motivos de interêsse coletivo, deve ser sempre muito moderado e discreto.

O caráter complexo da realidade social e a impossibilidade de comprimí-la na sua totalidade dentro da órbita da ação estatal são reconhecidos por alguns dos mais sagazes pensadores políticos contemporaneos, dos quais merece especial destaque Harold Laski. (1). O Estado autoritário brasileiro conforma-se com êsse critério humano e realístico, definindo em relação á ordem social, á organização econômica e á ordem espiritual, as linhas separativas entre a ação estatal e as iniciativas próprias do indivíduo e dos grupos que se formam no conjunto da coletividade.

Mas a distinção nítida entre o que pertence ao Estado e á esfera de atividade social, econômica e cultural em que o indivíduo se deve sentir livre, não envolve nenhuma restrição do que dissemos no início dêste capítulo acêrca da identificação do Estado e da Nação em uma unidade coesa e indissolúvel. A manutenção de uma órbita reservada á ação individual e ás iniciativas privadas, tanto em assuntos de ordem material como em questões de natureza espiritual, longe de crear sulcos que desarticulem a unidade harmoniosa do Estado e da Nação, ainda reforçam a coesão entre ambos. Realmente, as liberdades asseguradas ao indivíduo no plano econômico e na esfera psicológica apenas determinam uma comparticipação mais conciente, espontanea e eficaz de cada unidade humana no conjunto da vida coletiva, e portanto, tambem, nas atividades do Estado.

* * *

Da identificação absoluta do Estado com a Nação promana logo uma consequência da maior relevancia política. O Estado deixando de ser uma entidade distinta da coletividade nacional e passando a coexistir com ela em uma coincidência rigorosamente definida, é claro que os aparelhos de ligação entre a Nação e a organização estatal se tornam automáticamente supérfluos. No regimen da democracia liberal, a Nação não podia ter contacto com a maquinaria estatal sinão por intermédio de órgãos peculiares que eram os partidos políticos. Na realidade, no regimen liberal-democrático não havia nunca identificação da coletividade nacional em conjunto com o aparêlho do Estado. O conceito do sistema representativo identificado com o liberalismo fazia, como tivemos ocasião de mostrar em capítulo anterior, com que o Estado fôsse o instrumento de poder capturado pelo partido que conseguira vencer na última eleição. Assim, jamais a Nação se identificava com o Estado, que era apenas o instrumento de um grupo social de que o partido vencedor era órgão de expressão política.

No Estado autoritario — que é um Estado nacional em que todos os indivíduos e todos os grupos sociais, sejam quais fôrem o credo e as opiniões que professem, estão identificados com ele como parte integrante que são da coletividade nacional consubstancialmente unidá á organização estatal — a situação que se nos depara é diametralmente oposta. Os partidos, cuja superfluidade é evidente, constituiriam também elementos perturbadores, incompatíveis com a marcha normal da vida da nacionalidade.

Chegamos aqui ao ponto talvez mais interessante na análise das características peculiares da organização do Estado em linhas autoritárias. Em um regimen como o que ora se acha estabelecido no Brasil, o Estado atribue aos indivíduos e aos grupos especiais por êles formados na sociedade uma órbita muito ampla de liberdade de iniciativa. Essa liberdade é particularmente extensa no tocante á elaboração das idéias e á manifestação das expressões do pensamento em qualquer plano de atividade intelectual. Teremos ocasião, em um dos capitulos subsequentes, de abordar mais detidamente êsse assunto. Por enquanto vamos apenas examiná-lo na sua relação com os métodos peculiares da política no Estado autoritário.

A garantia assegurada ás liberdades individuais, especialmente em matéria de conciência e de opinião, não pode contudo comprometer um ponto essencial na estrutura do regimen e no sentido ideológico do Estado autoritário. Na lógica da sua organização e das diretrizes que o encaminham para as suas finalidades nacionais, o Estado Novo, instituido pela Constituição de 10 de Novembro, não poderia consentir que a liberdade de conciência e de ampla expressão do pensamento fôsse interpretada por uma forma latitudinária envolvendo o consentimento em atividades de caráter político incompatíveis com a segurança da organização estatal e com o seu sentido ideológico. Teremos ensêjo de aprofundar mais a análise dêste ponto, que certamente requer uma certa subtileza no seu esclarecimento.

(1) "Grammaire de la Politique" — Harold Laski. (Tradução francêsa).

AZEVEDO AMARAL

(CONCLUSÃO)

Mas considerações de ordem prática, que passamos a formular, bastarão para tornar desde já suficientemente clara a distinção sôbre a qual teremos ulteriormente de insistir.

O Estado autoritário sendo essencialmente nacional, o que equivale a dizer que êle e a Nação constituem pela sua união consubstancial um todo perfeito e indissolúvel, desobedeceria aos imperativos do instinto de conservação nacional si tolerasse qualquer atividade política dirigida contra a sua existência, estabilidade e pureza. O sentido do Estado autoritário coincide com as diretrizes traçadas pelos antecedentes históricos e pelas realidades atuais da Nação. A plasmagem dessa forma de organização estatal obedeceu ao conceito de que no prosseguimento daquelas diretrizes, e sómente assim, atingiremos os objetivos visados para o desenvolvimento e engrandecimento do Brasil. Nessa convicção encontra-se a parte fundamental da ideologia do Estado Novo.

AZEVEDO AMARAL

A UNIÃO E O ESTADO

Capitulo do recente livro — *O ESTADO AUTORITARIO E A REALIDADE NACIONAL* — editado pela Livraria **José Olimpio**

Dir-se-á que semelhante convicção é matéria de fé. Poderíamos replicar que a base doutrinária da nossa nova organização nacional é perfeitamente suceptivel de uma análise racional que nos conduziria á demonstração lógica das razões que a justificam. Mas não é preciso tanto. O reconhecimento de um postulado teórico, fundamental, estabelecido como ponto de partida para a elaboração de uma ideologia política, não é menos legitimo pelo fato dêle promanar de um processo intuitivo. O excesso de racionalismo, que um dos maiores mestres da ciência experimental já estigmatizava como irracional no campo da biologia, é ainda menos defensável no terreno da sociologia e da politica.

Os sistemas de organização das sociedades humanas e as formas de plasmagem política das coletividades nacionais não são creações elaboradas com os recursos da lógica formal pela inteligência no exercicio de uma espécie de racionalização geométrica dos fatos sociais. O conceito bergsóniano do processo da evolução creadora e do papel nêle respectivamente desempenhado pelo impeto vital e pela razão sistematizadora ressalta em uma demonstração impressionante através da experiência histórica. As nações que souberam organizar-se para as vicissitudes de uma longa viagem vitoriosa para o futuro, foram as que obedeceram ás intuições claras do gênio politico. Os Estados que sobreviveram e se afirmaram históricamente no esplendor das suas realizações tiveram todos os alicerces traçados por um seguro instinto das adaptações do povo ás imperiosas contingências das realidades que os enfrentavam. O papel da razão e da lógica só vem a ser desempenhado no trabalho posterior de interpretação, de desenvolvimento e coordenação dos elementos essenciais introduzidos na plasmagem da organização nacional pelas intuições do espírito político.

Não ha, portanto, motivo para nos sentirmos acanhados em admitir que a ideologia do Estado Novo tenha os seus fundamentos na obra creadora de uma lúcida intuição politica. O nosso grande mal no passado consistiu exatamente em sufocarmos as aptidões espontaneas da nossa capacidade creadora para elaborarmos instituições, coligindo, pelos artificios de uma lógica formal, idéias apanhadas aquí e acolá, enquanto nos descuidávamos de abrir os olhos para buscar inspiração na análise objetiva da realidade brasileira. A Constituição de 10 de Novembro, como já o dissemos em páginas anteriores, representa o primeiro marco da nossa emancipação espiritual na esfera política. Os fundamentos do novo regimen são profundos e sólidos precisamente por não serem construções puramente racionais realizadas no plano das abstrações, mas na rocha viva a que chegámos mergulhando como brasileiros na essência da brasilidade.

Admitidos o caráter intangivel dos alicerces do Estado Novo e a natureza definitiva do sentido que êle imprime ao futuro desenvolvimento histórico da nacionalidade, é evidente que a organização estatal, no cumprimento da sua finalidade precípua que é a defesa da Nação, não pode tolerar no campo das atividades políticas práticas qualquer agrupamento que contradite a ordem estabelecida como base da existência nacional.

O Estado autoritário tem uma doutrina em tôrno da qual podemos postular a existência de um consenso de opinião nacional, mesmo antes do pronunciamento plebiscitário, tantas e tão claras já têm sido as expressões de acôrdo sôbre êsse ponto. Consentir em atividades políticas contrárias a essa ideologia seria um ato de suicidio, uma lamentável manifestação de imbecilidade política. Toda a ação cívica tem, no novo regimen, a sua órbita nítidamente demarcada. Mas essa delimitação das atividades políticas não implica em restrições ou acanhamento das possibilidades de cada um, porque o círculo traçado pela unidade de pensamento em tôrno do Estado abrange a totalidade da existência nacional. O único partido admissivel no atual regimen é o partido do Estado e, como êste se acha identificado com a coletividade nacional, êsse partido é constituido pela própria Nação.

Outro corolário decorre das configurações especiais do novo Estado brasileiro. Si a Nação e a organização estatal formam um todo indissoluvel e si o Estado é o órgão de expressão da conciência e da vontade do corpo nacional, é claro que dêle deve partir a direção da política. Mas, no Estado autoritário, o eixo da sua organização estrutural e o foco de irradiação do seu dinamismo é o próprio Chefe da Nação.

A unidade de orientação política, cujas perturbações viriam determinar o abalo da coesão entre o Estado e a Nação, que forma a própria essência do regimen, exige que o ritmo da política nacional seja dado pelo Presidente da República. Êste ponto de inexcedivel alcance para o funcionamento normal das instituições e para o equilíbrio da organização nacional no seu conjunto foi acertadamente previsto no art. 73 da Constituição, que enfeixou nas mãos do Presidente da República a suprema direção da política brasileira.

MERCADOS PARA O BRASIL

Como "O Globo", do Rio, aprecia as atividades do Consul Raul Bopp.

O sr. Raul Bopp é um fenomeno no corpo consular do Brasil. Tambem poeta, ele passou a ser, em Yokohama uma especie de enviado comercial do país. E o seu dinamismo tem sido insuperavel. Todos os seus esforços ele os emprega no proposito de alcançar para os produtos brasileiros novos e maiores mercados. Ha pouco noticiámos que o Sr. Raul Bopp mandára saber do Conselho Federal de Comercio Exterior as possibilidades do fornecimento de café em tabletes aos exercitos da China e do Japão. Agora sabe-se que tambem se interessa pela colocação do mate no país dos mandarins e pela venda do xarque no imperio das "geishas". Isto evidencia que a sua ação não se circunscreveu como o comodismo recomendaria ao consulado que lhe foi entregue em bôa hora para a nossa economia e em pessimo momento para as letras nacionais. No relatorio que enviou áquele Conselho, Raul Bopp explicava as razões e as conveniencias de se tentarem aqueles empreendimentos. Entre outros argumentos citou uma grande encomenda de mate feita por uma importante firma de Hing-Kong, esta tumultuosa capital do cinema chinês, segundo, noutra ocasião, ele explicou em correspondencia para jornais cariocas. Aí está um belo exemplo. O poeta de "Cobra Norato" e tantos outros poemas, indo para o Japão como consul, não quiz matar a nostalgia continuando a escrever versos. A sua filosofia é mais produtora, mais racional. Longe da patria, trabalha por ela, dando, assim, uma prova de que a "saudade" lhe dá a lembrança da terra distante, e, mais do que isso, a vontade de torná-la maior. E, nesta hora de guerra no Extremo Oriente, ele não faz versos sobre o sentido purificador das guerras. Pensa em alimentar os exercitos. E pensa que o Brasil póde prestar aos dois países este serviço. E' um comerciante sentimental, mas pratico, este nosso consul na pitoresca Yokohama que o estima.

O "DIARIO DA TARDE",

da direção do nosso presado confrade Archer Pinto, publicou, anteontem, o seguinte despacho, procedente de Portugal e distribuido pela Agencia União:

CHEFIADA PELO CORONEL BROOK, QUE E' UM NOME DESTACADO COMO EXPLORADOR E BANDEIRANTE, PASSOU PELO PORTO DE LISBOA U'A MISSÃO CIENTIFICA INGLÊSA QUE VAI REALIZAR PESQUISAS NA AMAZONIA, EM TORNO DAS ORIGENS DO HOMEM AMERICANO.

VARIAS PERSONALIDADES DE RELEVO NOS CIRCULOS CULTURAIS PORTUGUESES ESTIVERAM A BORDO, CUMPRIMENTANDO OS ILUSTRES VIAJANTES.

A MODERNA POESIA DE DOIS ROMANCISTAS

RAMAYANA DE CHEVALIER

Autor do "Circo sem Teto da Amazonia"

Rapsódia Brasileira

Especial para A SELVA

Ví milhões de coqueiros !
Cocares verdes de tuchauas
ou sivahs de braços vegetais ! ...

Ví rasgões de estradas brancas ou lágrimas deslizantes
de rios colossais
que vieram do olhar enoitecido da Terra !...

Ouví gritos de gaivotas !

Ví sombras ao crepusculo, de lavradores de bronze,
no socalco das serras !

Ví gigantes de pedra que representavam na quietude granitica
a indolencia da gente !

Ví dez corpos
cem corpos
dez milhões de corpos
morenos como coivaras,
loiros como trechos de sól na vidraça dos rasga-céus,
alvos como retratos de luar
na esclerótica cochilante dos brejos do sertão !
Voluveis na côr
como o pensamento nacional !...

Ví vazios de taboleiros, milionarios de sól, a olharem o azul [sem nuvens
as gargantas com febre !...

Ví o olhar longinquo dos zebús
espreitando da alma a tragedia da sêca.

Ví o proletario que cospe todo o dia o amargor desiludido da [vida
Ví o burguês que fuma charutos enormes
e humilha os humildes para não parecer escravo dos "yankees"

Ví o caboclo que sonha
O malandro que samba
O negro que soluça no ritmo monotonico de atabaques sem som
que adormecem
de tedio...

Ví o sangue fervendo, e ancas batendo, e seios de chumbo,
Mulher brasileira
Tisnada de luz, vestida de côr,
Jaboticaba, sumo verde, meu amor,
que envenena e delicía...

Ví a saudade com sono espiando o crepusculo...

Ví o orador que nasce em esquina e não sabe o que diz

Ví o poeta, olhos que escondem mil anos de sentimentalismo,
escorado á porta de um restaurante chinês
assoviando a revérie de Schumann...

Ví um grande, um imenso rosto pálido
de maceração endemica
trechos verdes de sangue máu
trechos rubros de sangue bom
sorrindo nos olhos tristes
chorando na boca exangue
que chupa cana, come pé de moleque, ginga o corpo no samba
faz versos, faz versos, faz versos,
com uma vontade doida de ser feliz
e faz o sinal da cruz
para ir de noite ao candomblé.

Ví o Brasil !

VAMPIRO

INÉDITO

Aquelle caboclo amarello
raspando no fundo da cuia
o resto do caldo, e o feijão n'agua e sal,
com a mão estirada, mostrando a mulher :
dizia, com a falla arrastada,

"Vive só dos calangros do meu braço...
E' a minha derrota...
—Minha vaquinha dá leite ?
—é pra ella beber...
Meu queijo deu mais gostoso ?
—é pra ella comer...
Meu legume deu bonito ?
—é só pra ella vender...
Vivo assim esmulambado,
e ella anda lórda, no luxo...

—S. Francisco faz milagre ?
—eu pago e ella recebe...
Cangaço vae me acabando...
ella ri-se, acha bonito
e vae dizer no jornal
que é "a energia da raça"...

Se eu estou morrendo de fome
no desespero da secca,
ella vae, dá uma festa :
"Festa de caridade..."
e quando acaba faz uma poesia,
de pé quebrado
tão pedante !
Mais sem graça que "O Rabicho da Geralda"...

Eu me largo pro Acre,
peno lá todo o tempo que Deus quer,
mas volto, empambado e rico...
Ella, ahi, põe-se mangando dos meus ouros,
mas toma tudo para ella...

Quando eu magino !
se não fosse essa desgraça,
eu é que tinha bonde electrico,
arranha céo,
presidente,
bangalô !

...

—Como é sua graça, compadre ?
—Sertão...
—E a da mulher.
(o caboclo gemeu mais arrastado:)
—Cidade...

RACHEL DE QUEIROZ

A UNIDADE NO ENSINO

COSTA REGO

A extincção das bandeiras e dos symbolos estaduaes, prescripta e executada, reforça indiscutivelmente o sentimento da unidade patria, mas não basta como instrumento ao governo da União em favor dessa unidade. Cumpre adoptar providencias concretas e mais profundas, qual seja, por exemplo, a uniformização do ensino, a começar pela instrucção primaria.

São em regra as impressões da infancia que marcam no individuo a mentalidade. Não ha estudioso da psychologia que deixe de reconhecer a influencia de taes impressões sobre a formação do homem e, pois, sobre todo o desenvolvimento da personalidade. A escola primaria é uma especie de novo sôpro da Creação, imprimindo-nos o traço de nosso destino tão vivamente que muitos de nós nunca somos senão o que de nós ella fez.

Se queremos, pois, ter uma alma brasileira, una, substancial, onde se integrem os factores nacionaes da raça, onde se revele a communhão dos designios patrioticos, onde, em summa, se crystalize o povo, haveremos de plasmal-a com processos universaes de ensino.

Esses processos estão previstos na Constituição de 10 de novembro ultimo. Compete privativamente á União, diz ella (art. 15, IX), "fixar as bases e determinar os quadros da educação nacional, traçando as directrizes a que deve obedecer a formação physica, intellectual e moral da infancia e da juventude", bem como o poder de legislar (art. 16, XXIV) sobre as "directrizes da educação nacional".

Declarado o principio, resta applical-o. E' tarefa de longa e lenta realização, quanto ao ensino primario.

Os pregadores de mundos novos não apprehenderam desde logo o problema em sua inteira complexidade. O que elles pediram, durante immenso tempo, com animo de pugna digno de melhor emprego, foi o ensino obrigatorio. Neste ponto, o raciocinio era bem simples — era mesmo simplificado: constrangido cada um a aprender, diminuiria o numero dos analphabetos; reduzidos á menor expressão os analphabetos, o paiz se orgulharia de sua força e, portanto, se ostentaria em sua unidade.

O ensino obrigatorio, por si mesmo, isoladamente, sem nenhuma outra fórma de prevenção, não resolveria, porém, como não resolveu, o assumpto. Começa que a obrigatoriedade estaria, como está, na dependencia de medidas administrativas dispendiosissimas. Para dizer que o ensino é obrigatorio, devem os poderes publicos proporcional-o de maneira extensiva, isto é devem ministral-o, por meio de professores e escolas, aos analphabetos a quem impõem o ensino.

Ora, os professores e as escolas não existem no Brasil em perfeita relação com os analphabetos. Ficariamos deante de uma funcção — a obrigatoriedade — a que faltaria o orgão — os professores e as escolas —, donde se vê que a obrigatoriedade, valendo embora como enunciado, não exprime o problema por inteiro.

O problema está muito mais na organização do ensino, quer dizer na estructura ou no apparelhamento da instrucção, de que a obrigatoriedade seria, afinal, a consequencia. Mas o facto é que o ensino, principalmente o primario, nunca possuiu organização, e sim organizações, nem estructura, e sim estructuras, nem apparelhamento, e sim apparelhamentos, no regimen constitucional creado pela Republica e só agora neste, como em outros aspectos modificado. O poder de autonomia do Estado federado, abrangendo o problema do ensino primario, multiplicava os programmas, dando a cada um delles feição peculiar.

E' certo que varios Estados, na pratica, tendiam instinctivamente para a uniformização, adaptando planos de outros Estados; mas essa uniformização, pelo sentido arbitrario de seu processo, não era completa nem efficiente, em razão da ausencia de qualquer nórma directora, que só poderia existir na modalidade de um orgão central, tanto mais necessario quanto em determinadas regiões se infiltrava o immigrante.

Por muito pensar na obrigatoriedade, escapou-nos deploravelmente a comprehensão do problema, sobre o qual a Constituição de 10 de novembro ultimo abre novas e melhores perspectivas; abre-as com a vantagem de encontrar a verdadeira fonte, real e pura, da unidade patria.

Grupo de pessoas gradas, presentes ao áto inaugural da Casa do Amazonas em São Paulo. Destacam-se, aí, os representantes do Governo deste Estado e da Associação Comercial, jornalistas e figuras das elites amazonense e paulista.

CORIOLANO DURAND

Aos 59 anos, faleceu, a 23 deste mês, na Capital da Republica, o nosso famoso Corió, o Coriolano Durand, nascido em Tabatinga e reverenciado em Paris, eminente em diversos climas da inteligencia criadora, homem de grande capacidade de trabalho e um dos exemplos mais vivos da energia e do desassombro do caboclo amazonense.

Não era bacharel.

Ensinava francês no nosso Ginásio Pedro II. "Cosinhou" jornais. Escreveu brilhantes crónicas humoristicas. Assinou contos mais interessantes do que os do autor de "Oscarina". O teátro era a sua maior paixão. Vaudeville, opereta e alta comédia. Nestes generos, deixou composições dignas de serem representadas em centros mais civilizados que o nosso.

Atuou em funções de destaque, em varios governos.

Seu reconhecimento era extraordinariamente espontaneo. Grande coração. Uma vez, em discurso, numa hora dramatica de nossa vida politica, chamou "doce Jesus da minha terra" a um grande pecador.

A proxima edição d'A SELVA prestar-lhe-á merecida homenagem. Publicará trabalhos seus e o pensamento de amigos sobre sua personalidade.

(Conclusão da 1.ª pag.)

Então a Arara-obê convidou o Jaboti para ir tirar um cacho de patauá. Foram. Já proximo da arvore, a Arara mandou o Jaboti subir. Embora tenha os braços e as pernas curtas e o peito liso, o Jaboti tentou alcançar o cacho. Subiu, subiu, mas, ao chegar á metade do pau, escorregou e veio ao chão. Tentou outra vez. Não conseguiu. E a Arara-obê estava sempre a dizer-lhe :

—Anda depressa ! Tira o cacho ! Meus pais já vêm por ai. E, si você não tirar o cacho, eu vou com eles pra nossa maloca.

(A verdade é que vinha com os pais da Arara-obê o Maracanan, namorado desta).

O Jaboti tentou mais uma vez subir á palmeira e não o conseguiu.

Longe, os pais da Arara-obê já haviam dado sinal. E o Maracanan vinha com eles. Ouvindo-lhes a algazarra, o Jaboti, mais uma vez, tentou alcançar o cacho de patauá. Não o conseguiu, porém. Seus braços e suas pernas eram curtos e o seu peito liso. Então a Arara-obê levantou vôo, indo ao encontro do namorado e dos pais.

O Jaboti voltou para casa chorando, porque a mulher o abandonara.

Estava na rêde triste, triste, quando chegou a Paca.

O Jaboti mandou a Velha (mãi dêle) espiar. E a Velha, tendo obedecido, disse que era gente de fóra (ibepê-pó-rorô-uá-nhén).

N U N E S

O JABOTI, A ARARA E O MARACANAN

(LENDA KAWAHIBA-PARINTINTIN)

P E R E I R A

O filho lhe disse que não queria ver ninguem.

A gente de fóra (Paca), do meio do terreiro, perguntou :

—O dono da casa está aí ?

A Velha lhe respondeu : Não ! Não está !

Então a Paca disse :

—Viemos dansar por aqui...

E, assim que chegaram as companheiras, começou a dansa das Pacas.

Dansaram, dansaram. Depois foram embora.

Mal as pacas saíram, veio o Tucano, com a sua gente.

O Jaboti mandou a Velha saber quem era.

—E' a gente do Tucano, disse-lhe a Velha, ao voltar.

O Jaboti disse que não queria ver ninguem.

O Tucano, já no meio do terreiro, foi perguntando :

—O dono da casa está aí ?

A Velha respondeu : Não ! Não está !

Então o Tucano disse :

—Viemos dansar por aqui...

Dansaram, dansaram. Depois foram embora.

Mal haviam partido, o Jaboti e a Velha ouviram vozes, longe, longe.

(Eram os sogros, os cunhados e a mulher do Jaboti. O Maracanan vinha atrás deles).

O Jaboti mandou que a Velha fosse ver quem era. E a Velha voltou para dizer :

—E' a gente do miritisal...

(Araras, papagaios, periquitos e maracanans vivem no miritisal).

O Jaboti ficou alegre com a noticia. Pulou da rêde e mandou a Velha dizer que podiam aproximar-se.

E tratou de preparar-se para os receber. Pintou-se; botou akanitara; atou o niúhambê; apertou o ahé-pô-pe-cô-ié; amarrou o aguá-hê ás pernas. E, empunhando o arco e as flechas, foi esperar a mulher e os parentes dela no meio do terreiro.

De longe o sogro perguntou :

—Onde está o dono da casa?

—Está aqui, respondeu o Jaboti.

Então o Velho gritou :

—Ai vai taboca ! Ai vai taboca no teu rumo !

O Jaboti lhe respondeu :

—Deixa vir !

A maior parte da gente do miritisal, que vinha á frente, foi logo formando roda no meio do terreiro.

O Jaboti se meteu entre as araras para dansar.

A mulher dele, vendo-o, disse ás companheiras :

—E' hoje que eu vou dansar com meu marido.

As outras lhe disseram :

—Anda logo... anda.

A Arara-obê foi e meteu-se na roda, ao lado do Jaboti. Estava com a cara toda arranhada, porque dormira, na vespera, com o Maracanan.

(O Maracanan é o namorado (ipotá) da Arara e, quando dormia com ela, a arranhava toda, como fazem o homem e a mulher Kawahiba).

O Jaboti ficou com ciume. E, assim, mal a mulher se poz ao lado dele, fingiu que estava com uma dôr nos quartos e poz-se a gritar : Ai ! ai ! ai !

Os sogros lhe perguntaram :

—Que tem ?

—Estou com uma dôr...

E caiu com um ataque. Correram todos para o acudir. E o levaram para a rêde.

Deitado, gritando sempre, ele via a mulher com a cara arranhada e o namorado ao lado dela e pensava :

—Com ela não me junto mais: dormiu com o Maracanan.

A gente do miritisal tinha trazido para a festa muitas frutas e vinhos.

A Arara-obê disse aos pais :

—Agora vou oferecer mingau ao meu marido. E, si ele não comer, vamos logo embora.

Preparou o mingau e o ofereceu ao Jaboti, como da primeira vez :

—Coroné Miná... miná !

O Jaboti afastou a cuia zangado. A Arara-obê, então, correu para os pais e lhes disse :

—Vamos embora ! Ele não quiz comer !

Ao ver que a Arara-obê ia embora com os pais, o namorado e toda a gente do miritisal, o Jaboti gritou :

—Vem cá ! Me dá o mingau, agora, que eu como.

A Arara não lhe quiz dar mais o mingau. E foi embora com os pais e o namorado. E nunca mais nenhum Jaboti se casou com Arara.

● ●

Representam este quinzenario em Rio Branco (Acre), Floriano Peixoto, Canutama, Manaçapurú, Codajás, Coarí, Fonte-Bôa, Carauarí, João Pessôa (Amazonas), Itacoatiara, Urucará, Urucurituba, Parintins e Maués os seguintes cavalheiros, todos rigorosamente idoneos, e radicados e prestigiados nos respectivos meios : José Martins da Costa, dr. Tocandira Balbi Carreira, Francisco das Chagas Gomes de Araújo, dr. Teodoro Gonçalves Neto, Pericles Vieira de Alencar, capitão Alexandre Montoril, Flavio Lopes, coronel Alfredo Marques da Silveira, Aliatar Fialho, Alexandre José Antunes, Homero Miranda Leão, Inacio Brito dos Santos, João Melo e Raimundo Albuquerque.

Ha 24 annos, escrevia o sr. Raymundo Monteiro Costa, ainda hoje um dos grandes preconizadores da cultura da seringueira :

"A plantação estrangeira progride assombrosamente. Os seus resultados são incontestaveis. Se nos paizes longinquos a cultura da **hevea** em larga escala está dando optimos resultados no Brasil — o seu **habitat** — os resultados devem ser em tudo superiores.

Ainda não é tarde para começar entre nós a empreza salvadora do nosso futuro ameaçado pela competencia asiatica, isto é, a plantação em larga escala.

. . . .

Se em sólo estranho a **hevea** começa a produzir aos 5 annos e mesmo antes, na Amazonia não ha razão para ser o contrario em igualdade de condições.

. . . .

E' necessario, imprescindivel, estabelecer plantações de seringueiras nas proximidades de Manáos, Itacoatiara e Parintins, e no Solimões até Teffé, onde existem todas as facilidades de communicações e ha vantagem de se acharem estes pontos afastados dos centros paludosos ou d'onde se desenvolvam febres de mau caracter, e, em qualquer eventualidade, mais proximos de recursos immediatos.

. . . .

Tem o Amazonas as terras mais apropriadas e o plantio da **hevea** virá valorisar uma immensa área de terrenos, os quaes nada valem e para nada servem sem cultura.

. . . .

Alliar, razoavelmente, o augmento de producção de nossas florestas á creação de grandes plantações de **hevea** eis ahi o inicio da solução do problema que affecta o nosso futuro".

Do Serviço de Publicidade da Associação Commercial do Amazonas

A INDUSTRIA DE AUTO

Comunicado, para A SELVA, do Serv

Interessante é notar-se que na Russia os acontecimentos têm, sempre, uma dupla interpretação e publicidade. Assim, no exterior, todos são anunciados e propalados como grandes realizações, conquistas notaveis e feitos remarcaveis. No interior do país, entretanto, esses mesmos acontecimentos são motivo de sevéras censuras, não só da parte dos Comissariados do Povo, como ainda, da parte dos orgãos oficiais, arautos do Governo. E' o caso, por exemplo, do jubileu da fabrica de automoveis de Gorki, hoje chamada Molotow.

No exterior, esse aniversario teve larga publicidade, e todos os jornais a soldo do Komintern teceram em torno do fáto as mais elogiosas referencias, as mais entusiasticas previsões. O mundo civilisado teve, desta fórma, a impressão de que a industria de automoveis da Russia caminhava a largos passos para a conquista desse mercado mundial. As estatisticas, as fotografias de modelos construidos, as inovações de ordem técnica e uma série de outros argumentos, eram ventilados de fórma tão convincente que o sucesso parecia complêto.

No verso da medalha, todavia, estava a verdadeira situação da fabrica de automoveis soviética. O "Pravda", o "Iswstija", os mais autorizados orgãos da imprensa oficial russa, a proposito do jubileu da referida fabrica,

d) no texto da proposta apresentada pelo Governo, si ambas as Camaras não houverem terminado, nos prazos prescriptos, a votação do orçamento.

DO PRESIDENTE DA REPUBLICA

Art. 73 — O Presidente da Republica, autoridade suprema do Estado, coordena a actividade dos orgãos representativos, de grau superior, dirige a politica interna e externa, e promove ou orienta a politica legislativa de interesse nacional, e superintende a administração do Paiz.

Art. 74 — Compete privativamente ao Presidente da Republica :

a) sanccionar, promulgar e fazer publicar as leis e expedir decretos e regulamentos para sua execução;

b) expedir decretos-leis, nos termos dos arts. 12 e 13;

c) manter relações com os Estados extrangeiros;

d) celebrar convenções e tratados internacionaes, "ad referendum" do Poder Legislativo;

e) exercer a chefia suprema das forças armadas da União, administrando-as por intermedio dos orgãos do alto commando;

f) decretar a mobilisação das forças armadas;

A CONSTI

Contin[uação]

g) declarar a guerra, depois de autorizado pelo Poder Legislativo, e, independentemente de autorização, em caso de invasão ou aggressão extrangeira;

h) fazer a paz "ad referendum" do Poder Legislativo;

i) permittir, após autorisação do Poder Legislativo, a passagem de forças extrangeiras pelo territorio nacional;

j) intervir nos Estados e nelles executar a intervenção, nos termos constitucionaes;

k) decretar o estado de emergencia e o estado de guerra nos termos do art. 166;

l) prover os cargos federaes, salvo as excepções previstas na Constituição e nas leis;

m) autorisar brasileiros a acceitar pensão, emprego ou commissão de governo extrangeiro;

n) determinar que entrem provisoriamente em execução, antes de approvados pelo Parlamento, os tratados ou convenções internacionaes, si a isto o aconselharem os interesses do Paiz.

"ONDE SE FAZ A LITERA

E A POLITICA D

(D'A TARDE, do R

O novelista Marques Rebello (de gravata escura) conta uma anecdota ao poeta Manoel Bandeira

Na livraria José Olympio costumam se encontrar, de tarde, politicos e literatos. Os literatos discutem politica, e os politicos discutem literatura. Ha gente da esquerda, da direita e do centro. E gente do mundo da lua tambem. De vez em quando apparece o sr. Oswaldo Aranha contando coisas dos Estados Unidos. Compra livros sobre problemas brasileiros e literatura estrangeira. O ministro Gustavo Capanema vem uma vez por semana, em companhia do dr. Leal Costa. Está relendo os classicos francezes. Outro dia levou uma collecção completa de Balzac. Tem um velho amor por Nietzche e Goethe. Tal como o sr. Oswaldo Aranha, gosta de biographias. Lê os philosophos christãos e leva livros que falam da guerra moderna. O embaixador Macedo Soares é madrugador. Apparece cedinho na livraria e cata os livros n... Internacional. ... da casa. Outro dia ... o ministro ... cendo de velha litera... O ex-integralista sr. ... veira discorre longa... to de complica... rituaes, e o catholic... advogado de Prestes... elogia o sr. Tristão ... general Tasso Frago...

(**Conclusão da primeira pagina**)

pernicioso.

Póde-se até sustentar, com ótimos fundamentos, que êle é indispensavel a quantos vivam jogando com as idéias ou com as fórmas, e procurando, através desse jogo, realizar sobre a terra, qualquer coisa de harmonioso ou simplesmente de imprevisto.

Se o narcisismo se contém dentro de certos limites, só exerce influencia benefica. Mas, o comum é êle não ter esse dom de se regular a si mesmo. E o resultado de seu desdobramento aí o vêmos, a toda hora, no entrechoque de orgulhos pueris, de ambições alucinantes, de agressivos despeitos, de odios indisfarçaveis, em que se converte o convivio dos seres que se presumem os mais inteligentes e aristocráticos de todo o mundo.

Qual o efeito da preocupação que os empolga, por vezes, de criarem institutos na séde dos quais se reúnam com frequencia ?

Na melhor hipotese nem um.

O FALSO IDEALISMO

Sim, porque póde suceder coisa pior : a evidenciação de efeitos contraproducentes em toda a linha.

Poucos são os intelectuais em quem

BENJAMI

UTOMOVEIS, NA RUSSIA

Serviço de Divulgação da Policia do Rio

publicaram noticias do seguinte teôr: "O Comissario da Industria Pesada "Maschinostrojenije", informa que a produção da fabrica Molotow, em 1937, não atingiu os calculos previstos. O plano de construção não foi cumprido. Cerca de 20 °|° dos operarios não conseguiu desempenhar as tarêfas que lhes competiam. O refugo atingiu proporções assustadoras; na fundição de férro subiu a 17,5 °|° e na serralheria a 11,5 °|°".

Comentando as informações do Comissario das Industrias Pesadas, perguntam os citados jornais de Moscou:—

"Até quando a fabrica Molotow será a grande produtora de refugo? Até quando o mestre Kirilow, da secção de guarda-lama, produzirá 2.000 peças imprestaveis? Por que, durante um ano, são produzidos 1.500 automoveis que não resistiram nem ás provas experimentais?"

E assim, desmascarando, involuntariamente, a publicidade ficticia da imprensa comunista, no exterior, os dois grandes jornais de Moscou mostram a realidade do "sucesso da fabrica de automoveis sovietica".

Não ha, portanto, melhor argumento contra as manobras, no exterior, do Komintern, que as proprias afirmativas de seus orgãos oficiais, no interior da Russia.

TITUIÇÃO

inação

Art. 75 — São prerogativas do Presidente da Republica:

a) indicar um dos candidatos á Presidencia da Republica;

b) dissolver a Camara dos Deputados no caso do paragrapho unico do art. 167:

c) nomear os ministros de Estado;

d) designar os membros do Conselho Federal, reservados á sua escolha;

e) adiar, prorogar e convocar o Parlamento;

f) exercer o direito de graça.

Art. 76 — Os actos officiaes do Presidente da Republica serão referendados pelos seus Ministros, salvo os expedidos no uso de suas prerogativas, os quaes não exigem "referenda".

Art. 77 — Nos casos de impedimento temporario ou visitas officiaes a paizes extrangeiros, o Presidente da Republica designará, dentre os membros do Conselho Federal, o seu substituto.

Art. 78 — Vagando por qualquer motivo a Presidencia da Republica, o Conselho Federal elegerá dentre os seus membros, no mesmo dia ou no dia immediato, o Presidente provisorio, que convocará para o quadragesimo dia, a contar da sua eleição, o Collegio eleitoral do Presidente da Republica.

§ 1.º — Caso a eleição do Presidente provisorio não possa effectuar-se no prazo acima, o Presidente do Conselho Federal assumirá a Presidencia da Republica, até a eleição, pelo Conselho Federal, do Presidente Provisorio.

§ 2.º — O Presidente eleito começará novo periodo presidencial.

§ 3.º — O Presidente provisorio não poderá usar da prerogativa da letra a do artigo 75.

Art. 79 — Si decorridos sessenta dias da sua eleição, o Presidente da Republica não houver assumido o poder, o Conselho Federal decretará vaga a Presidencia, procedendo-se a nova eleição.

Art. 80 — O periodo presidencial será de seis annos.

Art. 81 — São condições de elegibilidade á Presidencia da Republica ser brasileiro nato e maior de trinta e cinco annos.

RATURA DOS POLITICOS

DOS LITERATOS"

, (o Rio, de 10. 2. 38)

...s novos de Direito ... um grande amigo ... a surprehendemos ... Costa se abastecer ... literatura franceza. ... sr. Tasso da Silveira ... longamente a respeito ... os problemas espirituais ... catholico Sobral Pinto, ... Prestes e de Berger, ... Tristão de Athayde. O ... Fragoso, que pertenceu á Junta de Pacificação de 1930, olha pensativamente a vitrina. Entram, juntos, o poeta Augusto Frederico Schmidt e o ex-deputado Francisco Negrão de Lima, agora chefe do gabinete do ministro da Justiça. Dois romancistas que vão muito á livraria: Graciliano Ramos e José Lins do Rego. O autor de "Angustia" senta-se num banquinho lá do fundo e conversa com o desenhista e pintor Santa Rosa. O autor de "Usina" palestra com o sr. José Augusto. Vem entrando e vae sahindo gente. Apparece o sr. Annibal Freire que foi ministro da Fazenda no governo Bernardes. O sr. Almir de Andrade, professor de psychologia e autor de "A verdade contra Freud", está junto de Jayme Adour da Camara, autor de "Oropa, França e Bahia". Jayme Adour

(Conclue na pagina 16)

Um romancista e um politico: José L. do Rego, o autor de "Usina" e Odilon Braga, ex-Ministro da Agricultura (de chapéo)

O DOS INTELECTUAIS

não se atrofia por completo a primitiva capacidade de admiração.

Na maioria deles o que subsiste apenas da época em que, jovens e neófitos, se deslumbravam diante das manifestações do mérito, é uma tendencia forte para ficarem maravilhados em face de si mesmos, tenham valôr ou não.

Falam a todo minuto em idealismo. Seus átos, porém, são uma antitese brutal, quasi sempre, do significado que se atribúe a essa palavra luminosa.

Quando muito, sopitando tais impulsos, concertam-se dois a dois para a defesa comum das vaidades respectivas.

"Admira-me, para que eu te admire" — eis o lema desses conchavos indecentes.

Como se vê simples variante do "Facio ut facias" dos romanos.

E a tão grande torpesa, unico "intermezzo" possivel na luta dos homens sedizentes superiores, é de preferir-se a trágica belesa com que essa luta normalmente se desdobra, para testemunho da eterna é multiforme fascinação do épico...

MIN LIMA

Aula inaugural do curso de Direito Administrativo

RUÍ BARRETO
Professor da Faculdade de Direito do Amazonas

Inicialmente saúdo os ilustrados academicos que, alcançando o 5° ano da Faculdade de Direito do Amazonas, deram provas de preparo, de estudo e de perseverança, e que, passando pelas demais series do curso, já se encontram prestes a receber o grau de bacharel, como premio de vitoria, como justo galardão, prontos a desempenhar, na vida pratica, a missão augusta de defensores do direito e da justiça, á semelhança dos antigos pagens, que, na idade medieval, quando recebiam as armaduras brilhantes de cavaleiros, saiam, mundo em fóra, como protetores da inocencia e defensores do justo.

Hoje, com o evoluir dos tempos, com o avanço da civilização, com as novas caracteristicas dos tempos modernos, aquelas figuras legendarias dos cavaleiros andantes, imortalizados pela ironia destroçante de Cervantes, contam com seus continuadores nos cultores do direito, que, estribados nos codigos e na cultura juridica, fazem da palavra e da pena sua lança fulgurante e defensiva.

Srs. Ao vir tomar assento na cadeira de direito administrativo desta Faculdade, ainda que me fosse possivel, não dissimularia a emoção e o contentamento de que me sinto possuido, regressando como lente, após sete anos, á mesma escola por onde passei como aluno.

Este momento, este primeiro contacto convosco, pode constituir para vós um fato banal na vida academica, reproduzindo-se constante e normalmente, mas para mim vem a ser, entretanto, um acontecimento notavel, não só pelo justo desvanecimento em que me encontro como pelas responsabilidades que me passam a pezar sobre os hombros, responsabilidades estas muito aumentadas quando verifico que a brilhante turma do 5° ano conta com elementos destacados na sociedade, tendo ex-parlamentar, professores e intelectuais, todos tendo justo e elogioso conceito.

Certamente que só mesmo circunstancias excepcionais poderiam permitir-me a subida honra de sentar-me, como lente, embora contratado, numa das cadeiras desta escola superior do Amazonas, escola que, devido ao benemerito governante dr. Alvaro Maia, se encontra tão luxuosamente instalada, em magnifico e imponente predio, estimulando assim, ainda mais, mestres e alunos, para um maior esforço no sentido do seu melhor renome.

Srs. A materia que em conjunto vamos estudar, reflete, como um espelho, tão vivamente, as transformações havidas no direito constitucional, que qualquer alteração neste tem repercussão consequente naquele.

Assim é que, com o memoravel golpe de estado, desfechado pelo presidente Getulio Vargas, outorgando-nos uma nova constituição mais condizente com as realidades do panorama brasileiro, a 10 de novembro ultimo, alterou-se profundamente a forma do nosso regimen, pois o chamado Estado Novo, deixou de ser aquele Estado contemplativo para passar ao orgão tutelar da sociedade, ou antes, Estado Ativo.

Nós sabemos que teve seu fim, com a ultimação da grande guerra, aquela fase chamada do liberalismo romantico que havia creado "o ilusionismo das formulas de direito constitucional e o empirismo dos programas administrativos".

Vinha da revolução franceza aquela evidente predominancia das prerrogativas individuais, numa apoteóse dos direitos do homem, e era comum a imagem do Estado saudando o cidadão com a frase: A prés vous, monsieur".

E' que a organisação politica do Estado tinha como base o cidadão, isto é, este se dirigia a seu bel prazer, e o Estado ficava assim como um guarda noturno, á espera do apito de socorro, segundo a humoristica comparação dum ilustrado professor de Direito.

A carta constitucional brasileira de 1934, deu ao governo maior numero de atribuições, restringindo muito o poder individual do cidadão.

Agora, a nossa lei magna enfeixou nas mãos do chefe do governo nacional uma consideravel soma de poderes, ampliando extraordinariamente as atribuições do Estado, permitindo-lhe uma interferencia direta nas varias manifestações da atividade coletiva, desde que assim o exijam os interesses gerais.

Essa constituição não foi, propriamente, a consubstanciação de prinripios largamente doutrinados, em campanhas em que melhor se acentuassem as tendencias e vontades do povo brasileiro.

Foi elaborada, no entanto, auscultando vivamente, as aspirações, os anseios, e principalmente as necessidades da coletividade.

Pelo metodo comparativo foi facil aos autores da nova carta, a substituição e modificação dos varios textos do estatuto basico de 1934, que pelo excesso de liberalismo e pela preponderancia de variados e diversos fatores politicos, tinha em seu bojo, artigos muito formalisticos e outros distanciados completamente da realidade nacional.

São do ministro Francisco Campos estas palavras: "O dez de novembro não inventou nem forçou uma diretiva politica ao paiz. Apenas consagrou o sentido das realidades brasileiras. Aceitou, exprimiu e fortaleceu, defendendo contra desvios perigosos, o rumo traçado pela evolução e que, de certo modo já se manifestava, mesmo no antigo regimen, como expressão da propria vida social, cujas energias não se deixam contrariar pelas formulas, quando estas faltam ao seu destino de configura-las e disciplina-las".

O novo Estatuto politico, diminuindo consideravelmente as prerrogativas e a competencia de legislar dos antigos parlamentos, creou, por outro lado, o Conselho de Economia Nacional, com acentuado papel orientador, e varios Conselhos Tecnicos, na justa compreensão de que as leis necessarias ao progresso do paiz, na sua maioria, versam sobre assuntos que abrangem aspectos tecnicos, frequentemente de carater muito especial, e que, quando elaboradas por assembleias politicas raramente correspondem, com eficiencia, á sua finalidade.

Deu, assim, a constituição de 1937, ao Estado brasileiro, o papel que realmente lhe compete, na hora atual, isto é, a missão de diretor de serviços, coordenador de atividades, emprezario de normas de ação administrativa, acelerador do nosso progresso quer material, economico, intelectual, social ou politico.

Afirmou, recentemente, o professor Ribas Carneiro: "O Estado Novo se compara a uma enorme maquinaria, a um sistema de forças coordenadas e disciplinadoras, de forte capacidade produtiva, funcionando sob o comando unico, dentro em um programa, sem perda de calorias, ritmado num só diapasão.

Este o regimen instituido pela Constituição de 10 de novembro. Andavamos ora melancolicamente derreados por um esteril negativismo, ora agitados em crises histericas por exotismos anti-nacionalistas. Não tinhamos fé em nosso destino".

Srs. A abertura desse compasso de atribuições conferidas ao Estado Novo, sugere a idéa dum grande rio em enchentes, que transbordando de seus limites naturais, fosse alagando os campos e terras marginais, destruindo plantações, derrubando arvores, mas, de outra forma, vitalizando e fertilizando aquelas terras com a riqueza de nova seiva que levasse em suas aguas.

Assim, restringidas as atribuições antes pertencentes aos Estados componentes da Federação, retirados direitos e derrubadas faculdades de ação de varios orgãos, novos direitos surgiram, pelos textos constitucionais, e seus reflexos no direito administrativo iremos assinalar.

Reportando-me, ainda, ao golpe de 10 de novembro, quero citar que o presidente Getulio, com a audacia dos radicalismos necessarios, decretou a proibição absoluta das acumulações de funções publicas, resultando daí, como consequencia, a saída de venerandos mestres desta Faculdade, expressões que honram a cultura juridica nacional.

Jovens bachareis foram chamados para as cadeiras vagas. Eu, de mim, declaro que venho estudar, em conjunto, convosco a materia desta cadeira. Desejava lecionar Direito Internacional Publico, que foi sempre materia de minha predileção, mas, hoje, confesso minha satisfação em estar fóra daquela cadeira, porque não me sentiria bem, com minha propria conciencia vos estar divulgando as lições dos mestres na materia, quando assistimos, confrangidos, aos atentados brutais das nações fortes contra as fracas, as invasões violentas, as imposições humilhantes, o assalto e o desafio, enfim a derrocada completa daqueles principios, que, em teze, mantêm a harmonia e o equilibrio do mundo.

Mas, srs., justamente quando assistimos, com o coração cheio de justificadas apreensões e sustos, essas agressões de nação a nação, essa tendencia sanguinaria e destruidora avassalar o espirito dos estadistas, essa ameaça, cada vez mais densa e carregada, de odio e guerra, é que devemos convir e meditar que somente no estudo e na aplicação das regras do direito é que podemos encontrar a salvação desse estado de inquietude e pavôr que domina no momento atual.

Srs. Ha poucas horas, empossou-se no cargo de ministro das relações exteriores o nosso eminente patricio dr. Osvaldo Aranha, e o telegrafo já nos trouxe suas palavras, que eu repito, como uma esperança de todos os brasileiros: "A desordem universal não pode transpôr as nossas fronteiras e nem siquer contaminar a vida do Brasil."

Com essas palavras, e estimulando ao estudo e á divulgação dos principios do direito, eu saúdo os distintos academicos, fazendo votos para que honrem sempre esta Academia que, embora nova, já tem tão brilhante tradição.

●

Aula inaugural no 5° ano, a 15 de Março de 1938.

No Brasil, nunca houve ensino leigo.

As mulheres brasileiras, isto é, as grandes formadoras do caracter nacional — é evidente que esta altissima funcção moral não se cinge apenas á mulher brasileira; amplia-se ás mulheres de todas as raças e todos os climas —; aquellas que são as mães da geração actual e as que serão as mães das futuras gerações surgem para a vida espiritual e para o seu eminente papel social egressas dos collegios de religiosas: — Sion, Sacré-Coeur, Sta. Dorothéa, Sta. Maria Auxiliadora, etc.

Os rapazes, isto é, os filhos dessas mulheres mentalmente facetadas ao influxo da religião e por ellas iniciados, desde creanças, no ardente mysticismo christão, completam essa educação fundamentalmente religiosa nos collegios dos Maristas, Salesianos, etc., antes de penetrar os estabelecimentos do curso superior.

Os resultados dessa fórma religiosa de ensino são visiveis, não só na innegavel preponderancia da religião catholica em nossa vida espiritual, senão tambem — e isto nos proprios meios officiaes — nas ceremonias solemnes da benção das espadas e nas communhões collectivas dos alumnos das escolas militares. — ADRIANO JORGE.

PADRE ESTELIO DALISON

Ao assumir a direcção do nosso Colegio D. Bosco, este ilustre educador, que desfruta, mui justamente, as melhores simpatias no nosso meio, tomou esse expressivo compromisso: "A Diretoria do Colegio D. Bosco continuará a inspirar-se no altar da mais abnegada vigilancia, da mais completa e desinteressada dedicação para auxiliar os seus alunos na luta aberta contra a hostilidade ambiente."

ANCHIETA

NUMERO 6

MARÇO DE 1938

Diretor: ANDRÉ ARAUJO

Boletim catolico d'A SELVA

A RELIGIÃO DE ANCHIETA NO BRASIL

Muito deve ter sofrido Anchieta vendo a religião tão entortada no Brasil.

Os indios eram crianças "em completas trevas". Precisava botar as coisas da Fé ao alcance deles. Achavam bonitas as cerimonias de culto. Pegavam a gostar da religião. Iam virando cristãos. O habito de sofrerem dentes de cotia no couro para serem valentes fazia com que a flagelação e outros sofrimentos catolicos fossem nada para eles. Mais ainda: eram motivos de orgulho, e cada qual procurava se ferir com maior violencia para ter maior razão de vaidade.

Por tudo isso a entrada de Cristo na alma do bugre era rapida. Só o gosto de comer carne humana (sobretudo por vingança) atrazava um tanto o movimento da Fé no coração do selvagem. Era facil fazer destes homens — meninos cristãos. O dificil era fazer sustentarem a crença. Crianças não perseveravam sem mais nem menos. Bastava uma mentira dos pagés, ou uma perfidia dos mairs ou mesmo uma intriga dos perós ambiciosos e exploradores. Os padres davam azar, traziam doenças; queriam escravisar o indio; a carne dos indios batisados tinha gosto ruim. Era a conta. O indio crente, o indio ingenuo, aceitava tudo. Do mesmo modo que aceitara a catequese... Largavam de mão os jesuitas. Numa noite era capaz de desaparecer toda uma tribu. Viravam nomades outra vez. Sem que se pudesse evitar arrumavam as trouxas (eram pequenas) e desapareciam com mulheres e filhos e tudo, sem deixar rastro. Cristo saia da alma do indio tão depressa como havia entrado.

O pecado dos portuguêses colonisadores era mais ruim. Não tinham a ingenuidade infantil do indio. Eram adultos. Compreendiam seus vicios; mas, a ambição era maior que esta compreensão. Queriam ouro. Queriam carne nova, carne rija das indias sadias, que se entregavam gostosamente, achando honra no cruzamento com o europeu. Os portuguêses maltratavam o indio. Cativavam o indio. Tomavam a carne das suas mulheres e os braços e o sangue desses verdadeiros donos da terra. Traiam Cristo.

O clero secular ás vezes era o pior dos tres. Padres amancebados. Padres ambiciosos. Padres vendendo Jesus Cristo. Pregando safadezas para se desculparem das suas.

Abandono de Cristo. Traição de Cristo. Simonia.

Era no meio de tantos males que a alma do Corcunda vivia tão rôta como um pau linheiro das brasis. Anchieta trabalhava; lutava; pregava com Cristo no coração. Cristo injuriado. Cristo sofrendo. Cristo amando. E Anchieta sofrendo, lutando, amando e morrendo com o Cristo maltratado. A alma dele era pura como a alma dos meninos. Tinha a pureza do indio cégo. Tinha a razão do português colonizador. E tinha a inteligencia e a cultura que nenhum deles possuia.

Perdido nas matas, distante da patria, seguia os primeiros apostolos.

O jesuita é que foi o verdadeiro TOMÉ do Brasil. E Anchieta mais Tomé que todos os outros.

JORGE DE LIMA

MEU DE PROFUNDIS

Senhor! Acóde-me na profunda tristeza de minha alma,
No doloroso cansaço de meus sentidos
Que me fazem insensivel á grandiosidade de Tuas creações.
Senhor! Dispersa dos meus olhos desiludidos
A sensação de inutilidade dos meus gestos interiores.
Senhor! Afasta de minha bôca
O sorriso que é a alegria vencida
Que assim me arrasta, diluindo sem finalidade
Os fragmentos de minha existencia.
Senhor! Infiltra em meu ser a negação de mim mesma
Para que meu coração não conheça o egoismo.
Senhor! Já que me tornaste indiferente
A's glorias, ao nome, ás riquezas humanas, ás conquistas objetivas,
Extingue em mim o orgulho de minha resistencia
Para que eu prossiga serena e dôce
Pelo caminho que me leva a Ti.

ADALGISA NERI

O nosso prezado confrade dr. Moacir Dantas que acaba de assumir a Presidencia da União de Moços Catolicos, na qualidade de seu vice-presidente e em virtude da renuncia áquelas funções do dr. João Nogueira da Mata.

"Incendiaremos todas as igrejas do mundo"

Comunicado do Serviço de Divulgação da Policia do Rio.

Em 5 de Novembro de 1930, o "Besboschnik", porta vóz da "Associação dos Ateus Combatentes", com séde em Moscou, lançou a seguinte palavra de ordem: "Incendiaremos todas as igrejas do mundo".

A partir de então, essa luta de morte á Igreja e seus representantes, vem sempre recrudescendo na U. R. S. S. E, para isso, o "Besboschnik" tem lançado, repetidamente, outras proclamações do genero da já referida e que concitam "os milhões de operarios e camponêses, a cerrar fileiras sob a bandeira de guerra do ateismo".

Na União Soviética, e como veremos a seguir, o objetivo da Associação dos Ateus Combatentes está quasi atingido. De 44.000 sacerdótes da Igreja Catolica Ortodoxa, atualmente, não vivem mais que 1.200. E destes, só umas poucas centenas se encontram no exercicio de suas funções. Mais de 40.000 foram assassinados ou morreram de fome e maus tratos nos campos de concentração, executando trabalhos forcados incompativeis com os seus recursos fisicos.

E sobre os que escaparam a essa onda de crime, paira, constantemente, a ameaca da deportação para os gelos da Sibéria, onde a mórte será inevitavel e torturante.

De 300 pastores evangelicos que viviam na Russia antes da Grande Guerra, hoje, apenas 16 exercem o sacerdócio. Os demais tivéram o mesmo fim dos representantes da Igreja Ortodoxa.

A Igreja Católica Romana contava, ao deflagrar a revolução vermelha, com cerca de 160 representantes. Em 1934, 40 ainda viviam. Em 1935, esse numero foi reduzido para o minimo de 5.

As cifras acima atestam, flagrantemente, a mentalidade dominante na Russia Sovietica, em que sobressái o ódio a todos os principios que norteiam os povos civilizados. A Russia não adóta, nem admite a existencia de idéias religiosas. A transformação do individuo em maquina, destinada a produzir exclusivamente em beneficio do Estado e seus dominadores exigia, antes de mais nada, a exterminação total dos sentimentos católicos, incompativeis com métodos deshumanos que o comunismo impõe, com a destruição das idéias mais caras ao homem civilizado, para quem a fé e o amôr á familia constituem exigencia moral da maior relevancia.

Pretender impôr a idéia comunista sem destruir, antes, os sentimentos católicos do povo, era tentativa que os creadores vermelhos verificaram impossivel. E, daí, a luta sem tréguas a todos os principios religiosos, inimigos, todos êles, do "homem maquina" que o bolchevismo pretende estabelecer como o tipo "standard" ideal para o desenvolvimento dos apetites dos seus dirigentes.

A emigração nordestina para a Amazonia

JOSÉ AUGUSTO TORRES BANDEIRA
(Oficial do Exercito, medico civil e técnico diplomado pelo Instituto de Manguinhos)

Ha em nossa Patria, em seu extremo norte, uma vasta região da qual muito se tem dito, mas da qual não se encarou ainda um aspecto importante que muito convém conhecer.

Essa região é a Amazonia. O aspecto é o conjunto de condições favoraveis que ela offerece ao nordestino, sedento de agua e necessitado de terras.

Não é preciso ser técnico em agronomia para saber que o sólo do Nordeste está quasi esgotado de elementos minerais indispensaveis á proliferação da vida vegetal.

Aqui é preciso praticar-se a adubação em larga escala para, então, obter-se o resultado compensador que da lavoura é possivel tirar.

Mas não é só de adubação que se precisa: precisa-se tambem de irrigação, porque os céus, de vez em quando, teimam em não nos dar aguas.

Pertenço a uma das familias mais espalhadas de Pernambuco. Conheço, por isso, quasi todos os meandros de meu Estado. Viajei pelo interior de todo o Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná, de São Paulo, de Minas Gerais e do Estado do Rio.

Estive na Baía, no Pará e no Amazonas.

Julgo assim poder afirmar, depois de muito observar e comparar que o nordestino é um mártir : mártir das sêcas, mártir da pobreza do sólo, mártir da rotina em que labuta e que é a msema de trezentos anos passados.

Nunca encontrei naquelas plagas gente mais sofredora e é unicamente por causa desse sofrimento que, fugindo provisoriamente ás normas que me tracei, me abalanço hoje a alinhavar estas linhas.

Não sou sociologo nem pretendo sê-lo. Os parcos conhecimentos que possuo oscilam entre a Matemática e a Biologia e nunca vão além desta.

Sinto-me contente com isto e não vejo razão para ingressar noutros dominios.

Por consequencia, o que escrevo é apenas o resultado de um ponto de vista leigo, que pode ser facilmente contestado por um técnico em ciencias sociais.

Entretanto devo dizer o que sinto, e digo...

No Nordeste, ha doze habitantes por quilometro quadrado. E' uma quantidade excessiva, para uma terra que, ha muito, perdeu a capacidade de fixação do homem á gleba.

Na Amazonia, ha milhares de hectáres esperando cultivo. E que terras !

Na Amazonia, não ha, propriamente falando, lavoura racionalizada.

O que ha é um arremedo de plantação, em torno dos nucleos mais povoados, porém em tão pequena escala que só dá para o consumo local e isto mesmo muitas vezes mal.

Um entendimento entre os governos nordestinos e os do Pará e do Amazonas no sentido de encaminhar para estes dois Estados as populações que vivem miseravelmente nos mucambos das capitais e do interior, não é sómente um áto da mais pura piedade cristã : é tambem um áto de patriotismo, porque visa desenvolver, como merece, a mais rica, a mais opulenta e a mais promissora região do Brasil.

Não fantasio. Estive na Amazonia e lá conversei com dezenas de cearenses, pernambucanos, alagoanos e riograndenses do norte.

Todos, unanimemente, lamentavam o abandono em que vivem as populações do Nordeste deante do paraizo que é o septentrião brasileiro.

Um engenheiro militar, homem especializado em viajar pelos cafundós do Brasil, asseverou-me que o saneamento do vale do Amazonas pode ser feito em um ano, bastando, para isso, tres companhias de engenharia munidas do material necessario.

Com essa medida, a pouca maleita que lá ainda existe desapareceria sem demora.

A lenda do "clima insuportavel", felizmente, já caiu por terra.

As noites do grande vale são mais frescas

(Conclue, adiante)

Diretoria Geral da Fazenda Publica

CONTADORIA

BOLETIM do dia 1 de Março de 1938

RECEITA :

Recolhido pela 3.ª Secção, sendo :		
Imposto de exportação	3:760$000	
Imposto de vendas mercantis	4:249$500	
Taxa de expediente	118$000	
Taxa de estatistica	310$300	
Imposto para a Santa Casa	2$000	8:439$800
Estado de Mato Grosso		793$500
		9:233$300

Recapitulação Geral

EXERCICIO DE 1938 :		
SALDO DO DIA 28	443:566$983	
Arrecadação de hoje	9:233$300	
Total	452:800$283	
Pagamentos feitos	$	
Saldo	452:800$283	

Discriminação dos saldos existentes

Do Estado	347:219$199	
Do Estado de Mato Grosso	3:969$500	351:188$699
De Depositos :		
Consorcio do Guaraná	100:000$000	
Do Suprimento Federal	1:611$584	101:611$584
		452:800$283

Demonstração dos saldos

Caderneta n. 479, do Banco Nacional Ultramarino. ..	$	
Caderneta n. 225, do Banco Popular de Manaus . ..	34:642$300	34:642$300
Na Tesouraria, em Caixa		418:157$983
		452:800$283
Fundo de compensação :		
Saldo de 1936, Caderneta n. 1, do Banco Popular de Manaus		133:646$769
Juros do ano de 1937		2:314$431
		135:961$200

TESOURARIA, em Manaus, 1.º de Março de 1938. — (aa) Oliveira Azevedo, tesoureiro geral. — Francisco Bonates, escriturario dos Caixas. — Jorge Andrade, 1.º escriturario respondendo pelo expediente da Diretoria.

A emigração nordestina para a Amazônia

(Conclusão da pagina doze)

do que as do Rio de Janeiro na primavera.

O calor mais intenso vae das 11 ás 15 horas, mas assim mesmo é um calor menor do que o do Rio no verão.

Santos, no estio, é muito mais quente do que Manaus.

Entretanto, como o calor das 11 ás 15 horas dura todo o ano, o regimen de trabalho, na Amazonia, deve obedecer a um horario diferente das outras regiões do Brasil. Um oficial do Exercito, que trabalhou nas obras de construção do Forte de Obidos, me disse que o horario de trabalho mais conveniente, ali, deve ser de dois tempos: um das 6 ás 10 horas da manhã e outro das 15.30 ás 16,30. Durante essas horas, a temperatura e a ventilação são em tudo iguais ás que observamos nos campos paulistas, nas quadras mais benfazejas do ano.

Com a mecanização da agricultura, sete horas de trabalho são mais que suficientes para a formação de um celeiro, capaz não só de garantir a subsistencia da familia, mas tambem de fornecer bôa sobra para venda nos mercados consumidores.

A colheita do Nordeste não chega para as necessidades domesticas.

A importação, em larga escala, de farinha, feijão, milho, etc., etc., é uma prova evidente do que estou afirmando.

Srs. interventores dos Estados do Nordeste:

Praza aos céus que as palavras aqui alinhavadas calem fundo no vosso intimo. Conheceis melhor do que eu, os horrores das secas e a penuria de **nossa terra.**

Sabeis,á saciedade, como bons brasileiros que sois, que nada é possivel fazer, de modo eficiente, em prol da pobrêsa desvalida que enche os nossos campos e nossos suburbios.

Encaminhai, pois, á Amazonia, essa gente ávida de trabalho e de vida utilitaria.

Enviai após os entendimentos necessarios, previamente, alguns agronomos (agronomos de verdade e não bachareis em agricultura) para escolherem as terras e nestas fixarem o homem.

Na Amazonia, ha o peixe em abundancia, a caça em abundancia, a agua em abundancia, a fertilidade em abundancia.

Ocupemos a Amazonia, porque a Amazonia é do Brasil, o homem da Amazonia foi do Nordeste e nos quer bem e nós somos brasileiros.

Acabemos, ou, pelo menos, restrinjamos a emigração para São Paulo.

São Paulo é doze a quinze vezes menor do que a Amazonia e tem seis vezes mais gente do que a Amazonia.

Em São Paulo, nenhum nordestino terá mais a possibilidade de possuir uma propriedade, porque o hectare de terra custa contos de réis.

Na Amazonia, — oh! dadiva do céu! — o governo dá a terra de graça.

Rumo, pois, meus conterraneos, ao vale do rio-mar!

(Do "Diario de Pernambuco")

João Augusto Torres BANDEIRA

Adotámos a ortografia, cuja simplificação se encontra regulada no decreto-lei 292, de 23 de fevereiro ultimo. Ainda agora, A SELVA aparece escrita em dois sistemas de grafia. Porem, de abril em diante, o material redacional, os ineditoriais, as colaborações, tudo obedecerá á ortografia oficial, objéto do acôrdo das Academias Brasileiras de Letras e de Ciencias de Lisbôa.

No n. de 15 de abril, reproduziremos um comentario brilhante que o professor Agamenon de Magalhães publicou, na "Folha da Manhã", de Recife, com esta epigrafe: "A sedução dos punhais".

Recebemos o mensario "Aerovia" que "Panair do Brasil, S. A." distribue entre os seus funcionarios. O aspecto grafico do boletim é muito simpatico. A materia apresentada, materia de propaganda das vantagens da aviação e da competencia técnica da Empresa, é tambem sugestiva e criteriosa.

AS ULTIMAS DO APPORELLY

FEIJÃO COM ARROZ

O homem branco que se casa com uma mulher preta póde dizer que o casamento é uma loteria. Mas só a preta é que tem o direito de dizer que o seu bilhete sahiu branco.

●●

CALMA BRITANNICA

Mister Gim Pickles sahiu de Londres com alguns amigos para caçar tigres de Bengala nas Indias Septentrionaes.

Mas, como um dia é da caça e outro do caçador, Gim foi infeliz, porque iniciou as suas caçadas justamente no dia da caça e o resultado foi cahir numa armadilha de féras insaciaveis.

Os amigos de Gim decidiram telegraphar communicando o triste facto á familia enlutada, a qual, deante da funebre noticia, limitou-se a responder: "Mandem os restos mortaes".

Os amigos do mallogrado caçador, cumprindo o desejo dos parentes, telegrapharam: Restos Gim seguem a bordo do "Trafalgar Square", que chegará a Southampton no dia 12 de fevereiro".

No dia marcado, com pontualidade britannica, o grande vapor da Musso Line atracava no porto de destino, onde a familia de Gim se achava incorporada.

Momentos depois, os parentes de Gim dirigiram-se ao telegrapho e communicaram aos amigos de Gim: "Restos não chegaram. Commandante navio entregou-nos apenas gaiola com um feroz tigre de Bengala".

Decorridas algumas horas, a familia recebia, como resposta, este laconico despacho: "Gim dentro do tigre".

Esta historia não tem nenhuma analogia com as caçadas que se estão fazendo, neste momento, na Europa.

Não será de estranhar, entretanto, que, num dia muito proximo, o sr. Neville Chamberlain, respondendo a uma interpellação parlamentar sobre a situação da Inglaterra, se veja constrangido a responder: "A Inglaterra está dentro... da Allemanha".

No studio-modelo da Brasil Vita Filme ja se trabalha na filmagem da "Inconfidencia Mineira"

O cinema brasileiro ganhou este fim de ano aquilo que mais falta lhe fazia: um studio-modêlo, segundo todas as exigencias da técnica moderna, o studio da Brasil Vita Filme, na Tijuca.

E é nêle agora que tambem se dá inicio ao empreendimento cinematografico mais arrojado que no Brasil já se tentou: a filmagem da "Inconfidencia Mineira", de Brasil Gerson, o nosso primeiro grande filme historico de enredo, destinado por Carmen Santos a elevar consideravelmente, e de um golpe, o nivel artistico e intelectual da arte de Griffith na terra de Tiradentes.

CARMEN SANTOS, da Brasil Vita Filme S|A, numa fotografia recente e inédita em Manaus.

Por uma gentilêsa do presidente Getulio Vargas, a "Inconfidencia" terá a super-visão do Instituto Nacional de Cinema Educativo, por intermedio de uma comissão de cientistas e historiadores sob a presidencia do professor Roquette Pinto. Para dirigi-lo, foi designado Humberto Mauro.

Tambem o Ministerio da Guerra contribuirá para que o filme atinja, com perfeição, sua alta finalidade, pois todas as cenas que nêle se refiram á vida militar do Brasil-Colonia serão feitas com a colaboração diréta de técnicos e soldados da 1.ª Região, com cujo comandante, o general Almerio de Moura, já conferenciaram a respeito a sra. Carmen Santos e o sr. Humberto Mauro, autorisados pelo chefe do governo.

Isto não quer dizer, contudo, que o filme tenha caráter oficial, mesmo porque a Brasil Vita Filme vai realizá-lo por sua conta exclusiva, sem subvenção de especie alguma.

As montagens, que reconstituirão Vila Rica e o Rio da segunda metade do seculo dezoito, estão sendo feitas, depois de longos estudos, pelo arquitéto Paulo Barreto, do Serviço do Patrimonio Historico-Artistico Nacional.

A indumentaria já começou a ser desenhada pelo famoso pintor Hugo Adami.

O fotografo do filme será Edgard Brasil, que tem sido o colaborador prediléto de Oduvaldo Viana.

ALTERAÇÃO NA PAUTA DA PRESENTE SEMANA

GENEROS	Pauta anterior	Pauta atual	Dif.
Borracha fina crepe	3$250	3$150	$100
Sernambí crepe	1$900	1$800	$100
Borracha fina	3$250	3$150	$100
Sernambí virgem	1$900	1$800	$100
Sernambí rama	1$900	1$800	$100
Cacau	1$500	1$350	$150

Directoria Geral da Fazenda Publica, 28|3|38.

O INTERIOR

O ultimo relatorio do Prefeito de São Paulo de Olivença ao Interventor Federal

As realizações da administração do Sr. José Eduardo Coutinho

"Exmo. Sr. Dr. ALVARO MAIA. — D. D. Interventor Federal no Amazonas: — Nomeado, por áto n. 98, de Vossa Excelencia, datado de 10 de Março de 1935, após haver prestado o compromisso legal, assumí o exercicio do cargo de Prefeito Municipal de São Paulo de Olivença, a 15 de Abril do mesmo ano.

A 31 de Agosto do referido ano, fui eleito Prefeito Constitucional do mesmo Municipio, por maioria de votos, sob a legenda PRO' SÃO PAULO DE OLIVENÇA, COM ALVARO MAIA,. sendo empossado, de conformidade com as instruções recebidas do Egregio Tribunal Regional Eleitoral, no cargo em apreço, a 11 de Janeiro de 1936.

Em cumprimento ao que me foi determinado, em Circular de 11 de Novembro de 1937, permaneci no posto de Prefeito, aguardando nova deliberação de Vossa Excelencia.

Antes de entrar em outra ordem de considerações, cumpro o dever de agradecer a Vossa Excelencia a prova de imediata confiança que me dispensou, escolhendo-me para dirigir os destinos deste Municipio.

A minha atuação, durante o curto lapso de tempo que decorreu da minha investidura á presente data, procurarei, dando conta á essa Interventoria, definir nas linhas que se seguem :

Ao pisar a terra dos paulivenses, encontrei o barranco, que margina o rio que banha a Vila, as ruas e praças principais vestidos de espesso matagal. Contrastando, porem, com essa negligencia do administrador que me precedeu, erguiam-se, altaneiros, os edifícios da Prelazia do Alto Solimões. A estrada, que leva ao cemiterio local, fôra, pelo cerrado capinzal, transformada em simples verêda. O proprio cemiterio sofria os efeitos da incuria dos dirigentes dos destinos de São Paulo de Olivença. Atualmente, porem, esse Municipio vem tendo alguns melhoramentos, custeados com sua propria renda, sendo dignos de menção os seguintes :

Construção de um tanque de alvenaria, revestido de cimento, e um pequeno "chalet", coberto com telhas de zinco, na Fonte da Saude;

Construção de uma parede no proprio municipal, onde está funcionando a Prefeitura Municipal, com o respectivo assoalhamento, caiação e pintura gerais, ampliação dum compartimento, destinado a depositos de materiais, e duma puxada;

Construção duma pequena casa, destinada ao Serviço da Febre Amarela;

Melhoramentos no cemiterio, inclusive um cruzeiro todo de madeira de lei;

Aterro da rua Prudente de Morais, derribada da mata do lado sul da Vila, logar onde ha dez anos não se fazia limpeza;

Limpeza geral, em toda Vila, até ao logar que se denomina S. João, donde, agora, se descortina belo panorama;

Concertos nas pontes das ruas Herbert de Azevedo e Jonatas Pedrosa, e na escadaria das ruas Independencia e Prudente de Morais;

Demolição de um velho pardieiro pertencente ao Municipio, onde fora o antigo mercado.

Iniciada a construção da ponte e trapiche do porto desta Vila, em Agosto de 1935, de então para cá, os serviços foram atacados, progressivamente, de acôrdo com as finanças do Municipio. Esse simples trapiche, construido com madeira de lei, coberto com zinco, medindo 11|50 metros de comprimento, com 5|80 de largura, é formado por uma escada de lances sucessivos, afim de suavisar a forte depressão do terreno, permitindo a atracação dos vapores quer na enchente ou na vasante.

Dado o fáto de já estar quasi terminada a construção da ponte que mede 218 metros de comprimento, com 3 de largura, construida com tres lances, com as respectivas escadas de lances sucessivos, sendo a ultima feita de alvenaria, com quatro colunas.

As obras têm obedecido a criteriosa direção do Frei Xavier da Perugia que vem sabendo corresponder á minha expectativa.

Para melhor orientação de V. Excia., é de meu dever, uma vez concluidos os melhoramentos por ultimo apontados, fazer um detalhado relato, onde facilmente, verifique a lizura no emprego dos dinheiros publicos.

A marcha dos serviços realizados era comunicada ao Gabinete e ultimamente ao Departamento das Municipalidades, em balancetes mensais, instruidos dos documentos que comprovam o movimento das entradas e saídas dos dinheiros publicos, arrecadados por esta Prefeitura.

O Municipio de São Paulo de Olivença precisa ainda de varios melhoramentos inadiaveis, urgindo para isto, que o Governo do Estado o auxilie.

Muito embora a renda municipal venha, gradativamente, aumentando, como é facil verificar nos anexos que, adiante, seguem, ainda não é bastante suficiente para fazer face á despeza com os seguintes serviços :

Instalação de luz eletrica, com motor moderno e economico;

Conclusão das obras do Paço Municipal, que, ha mais de dois anos, estão paralizadas;

Edificação da nova cadeia;

Instalação dum posto profilatico, sob a direção de um profissional competente;

Insentivação da agricultura;

Criação de escolas de emergencia, em logares populosos, como sejam : Floresta — extrema com o Municipio de Fonte Bôa, Paraná da Germana, Ilha do Jandiatuba, Tonantins e Vila Nova;

Reorganização dos Distritos Judiciarios e Policiais; e

Edificação dum predio para nele ser melhor instalado o Grupo Escolar.

Exmo. Sr. Interventor Federal.

Hipotecando a V. Excia. a minha lealdade e dedicação para bem servir á causa publica neste Municipio, sinto-me feliz em haver cumprido o que me competia fazer para que possa este Municipio ressurgir, em harmonia com as honradas e fecundas realizações do seu Governo.

Renovo a V. Excia. os protestos de minha alta estima e consideração. Saúdo a V. Excia. — (a) JOSE' EDUARDO COUTINHO, Prefeito Municipal".

MARIA NORMANDO FONSECA, aluna da "Escola Brasileira de Manaus", que obteve o 1.º logar, com 82 pontos, no exame de admissão ao Ginasio Amazonense

OS OSSOS DO SABIO TEODORO KOCK-GRUNBERG SERÃO TRASLADADOS PARA MANAUS. O GOVERNO ATENDEU AO PEDIDO DA F. A. DE L. DO B. EXPRESSO EM OFICIO ABAIXO REPRODUZIDO

Federação das Academias de Letras do Brasil — Em, 16 de fevereiro de 1938 — Exmo. Sr. Dr. Alvaro Maia, D. D. Interventor Federal no Amazonas — A V. Excia. Interventor do Estado pela confiança do senhor Presidente da Republica, intelectual que é recomendação legitima de nossas letras e membro dos mais notaveis da Academia Amazonense de Letras, a Federação das Academias de Letras do Brasil, zelosa dos sãos principios de reconhecimento aos reais valores da inteligencia, do saber, e da cultura, vem solicitar, como solicita, a graça providencial de serem trasladados para Manaus, por incumbencia do Governo de V. Excia. os restos do ilustre sabio alemão Teodoro Koch-Grunberg, que se encontram em Vista Alegre olvidados do mundo civilizado. Em torno da vida e da obra desse sabio e em justificativa da solicitação, está apensa a carta do erudito escritor L. Camara Cascudo, secretario-geral da Academia Norte-Riograndense de Letras, tambem, como aquela academia, filiada á Federação. Na certeza de que o Governo de V. Excia. por si mesmo fará esse reconhecido serviço á cultura, sem que para a execução seja preciso pedido nosso ao Governo Federal, como sugere o autor da carta, e isso por muito confiar nas extensões do descortino administrativo de V. Excia. muito de antemão consignamos aqui profundos agradecimentos, com testemunhos de vivos protestos de apreço e consideração a V. Excia. Saudações. — E. A. DE SOUZA DOCCA, presidente.

Atos do Sr. Interventor Federal

DECRETO N.º 63 — DE 24 DE MARÇO DE 1938

Estende a ação do Conselho de Assistencia e Proteção aos Menores.

O Interventor Federal no Estado do Amazonas, usando de suas atribuições e

Considerando que ao Governo cumpre exercer completa assistencia, deesa e proteção aos menores,

DECRETA :

Art. 1.º — Fica organisado, nos termos judiciarios do Estado, o Conselho de Assistencia e Proteção aos Menores, com as mesmas finalidades e objetivos previstos no decreto numero 92, de 19 de novembro de 1935.

Art. 2.º — O Conselho de Assistencia compor-se-á, nos termos judiciarios do Estado, das seguintes autoridades : O Juiz Preparador, o Prefeito Municipal, o Adjunto de Promotor Publico, o Delegado de Policia, os Coletorse de Rendas e Territoriais e mais quatro pessôas de reconhecida idoneidade moral, nomeadas para isso pelo Juiz, que será sempre o Presidente nato do Conselho.

§ unico — Para as nomeações acima referidas deverá ser sempre preferida pessoa que exerça o magistério publico, tanto nos termos como nas comarcas do Estado.

Art. 3.º — Os Conselhos de Assistencia e Proteção aos Menores coordenarão suas atividades em defesa da creança brasileira, com o Conselho da Capital, anexo ao Juizado de Menores.

Art. 4.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio Rio Negro, em Manaus, 24 de março de 1938.

ALVARO BOTELHO MAIA

Marcionilo Lessa

O CONTO DA QUINZENA

TUMULO

TUMULO

TUMULO

Mario de ANDRADE

é côr de fumo de Mapinguí. E' o receio da gente que bota escureza temivel nos olhos desses nossos pecados!... Que gostosa a Dora! Era uma pretarana de cabelo acolchoado e corpo de potranquinha independente. Tinha um jeito de não querer, muito fiteiro, um dengue meio fatigado oscilando na brisa, tinha uma fineza de S espichado, que fazia ela parecer maior do que era, uma graça flexivel... Nem sei o que é que o corpo dela tinha, só sei que espantava tanto o desejo da gente, que desejo ficava de boca aberta, extasiado, sem um gesto, deixando respeitosamente ela passar, sem uma ofensa, por entre toda a Cristandade... Dora linda!

Ellis desapareceu uns meses e me esqueci dele. A vida é tão bondosa que nunca senti falta de ninguem. Reapareceu. Foi engraçado até. Me levantei tarde, desci pra beber meu mate, Ellis no hól, encerando.

— Bom-dia, seu Belazarte.

— Ué! quê que você está fazendo aqui!

— Dona Mariquinha me chamou pra limpar a casa.

— Mas você não está trabalhando então!

— Trabalho, sim senhor, mas a vida anda mesmo dura, seu Belazarte, a gente carece de ir pegando o que acha.

A furia de casar borrara os sonhos do chofêr. Vivia de pedreiro. Mamãi encontrou com êle e se lembrou de dar êsse dinheiro semanal pro mendigo quasi. Um Ellis esmulambado, todo sujo de cal. Dora andava com muito enjôo, coisa do filho vindo. Não trabalhava mais. Ellis com pouco serviço. Estava magro e bem mais feio. De repente uma semana não apareceu. Que é, que não é, afinal veio uma conhecida contar que Ellis tinha adoecido de resfriado, estava tossindo muito, aparecendo uns caroços do lado da cara. Quando vi êle até assustei. Era um caroção medonho, parecendo abcesso. Foi no dentista, não sei... dentista andou engambelando Ellis um sem-fim de tempo, começou aparecendo novo caróço do outro lado da cara. Mamãi imaginou que era anemia. Mandamos Ellis no médico de casa, com recomendação. Resultado: estava fraquissimo do peito e si não tomasse cuidado, bom!

Calvario começou. Ele não sabia bem o que havia de fazer, eu tambem não podia estar recolhendo dois em casa. Inda mais doentes! Vacas magras tambem estavam pastando no meu campo nesse tempo... Foi uma tristeza. Ellis andou de cá pra lá, fazendo tudo e não fazendo nada. Mandou buscar a mãi, que vivia numa chacrinha emprestada em Botucatú. Foram morar todos juntos na lonjura de Casa Verde, diz-que pra criar galinha e por causa do ar bom. Não arranjaram nada com as galinhas nem com os ares. Vieram prá cidade outra vez. Foram morar perto de casa, num porão, depois eu vi o porão, que coisa! Todos morando no buraco de tatú, Ellis, Dora, a mãi dele e mais dois gafanhotinhos concebidos de passagem.

Ellis voltara pra pedreiro, encerava nossa casa e outras que arranjamos, andou concertando esgotos, depois na Companhia de Gás... Não tinha parada, emagrecendo, não se descobriu remedio que acabasse inteiramente com os caroços.

Meio rindo, meio serio, nem eram bem sete da manhã, um dia apareceu contando que era pai. Vinha participar e:

— Seu Belazarte, vinha tambem saber si o senhor queria ser padrinho do tiziu, o senhor já está servindo de meu tudo mesmo.

Falei que sim, meio sem gostar nem desgostar. Estava já me acostumando. Dei vinte mil reis. Mamãi que era a madrinha, andou indo lá no porão deles, arranjando roupas de lã pro desgraçadinho novo.

Nem semana depois, chego em casa e mamãi me conta que Dora tinha adoecido. Pedi pra ela ir lá outra vez, ela foi. Mandamos medico. Dora piorou do dia prá noite, e morreu quem a gente menos imaginava que morresse. Número um.

Agora sim, e a criança? E' verdade que a mãi do Ellis tinha inda filho de peito, desmamou o safadinho que já estava errando lingua portuguesa, e o lèite dela foi mudando de porão.

O dia do batisado, sofri um dêsses desgostos, fatigantes pra mim que vivo reparando nas coisas. Primeiro quis que o menino se chamasse Benedito, nome abençoado de todos os escravos sinceros, porêm a mãi do Ellis resmungou que a gente não devia desrespeitar vontade de morto, que Dora queria que o filho chamasse Armando ou Luiz Carlos. Então pus autoridade na questão e cedendo um pouco tambem, acabamos carimbando o desgraçadinho com o titulo de Luiz.

Havia muita lembrança de Dora naquilo tudo, ha só dois dias que ela adormecera. Fizemos logo o batisado porquê o menino estava muito aniquiladinho.

Engraçado o Ellis... Até hoje não me arrisco a entender bem qual era o sentimento dele pela Dora. Quando veio me comunicar a morte da pobre, até parecia que eu gostava mais dela, com êste meu jeito de ficar logo num pasmo danado, sucedendo coisa triste.

— Dora morreu, seu Belazarte.

— Morreu, Ellis!

Nem posso explicar com quanto sentimento gritei. Ellis tambem não estava sossegado não, mas parecia mais incapacidade de sofrer que tristeza verdadeira. O amarelão dos olhos ficara rodeado dum branco vazio. Dora ia fazer falta fisica pra êle, como é que havia de ser agora com os desejos? Isso é que está me parecendo foi o sofrimento perguntado do Ellis. E pra decidir duma vez a indecisão, êle vinha pra mim cuja amizade compensava. E seria mesmo por amizade? Aqui nem a gente pode saber mais, de tanto que os interesses se misturavam no gesto, e determinavam a fuga de Ellis pra junto de mim. Eu era amigo dele, não tinha duvida, porêm numa ocasião como aquela não é muito de amigo que a gente precisa não. E' mais de pessoa que saiba as coisas. Eu sabia as coisas, e havia de arranjar um jeito de acomodar a interrogação.

...e quem diz que na amizade tambem não existe êsse interesse de ajutorio?... Existe, só que mais bonito que no amor, porquê interesse está longe do corpo, é misterio da vida silenciosa espiritual. Depois, amor... E'inutil os pernosticos estarem inventando coisas atrapalhadas pra botar no Itamarati do amor: ou caem no dominio da amizade, que tambem pode existir entre bigode e seios, ou então principiam subtilizando os gestos fisicos do amor, caem na bandalheira. Observando, feito eu, amor de sem-educação, a gente percebe mesmo que nele não tem metafisica: uma escolha proveniente do sentimento que a babosa recebe dum corpo estranho, e em seguida furrum-fum-fum. A fôrça do amor é que êle pode ser ao mesmo tempo amizade. Mas tudo o que existe de bonito nele, não vem dele não, vem da amizade grudada nele. Amor quando enxerga defeito no objeto amado, cega: "Não faz mal!". Mas o amigo sente: "Eu perdôo você". Isso é que é sublime no amigo, essa repartição contínua de si mesmo, coisa humana profundamente, que faz a gente viver duplicado, se repartindo num casal de espiritos amantes que vão feito passarinhos de vôo baixo, pairando rente ao chão sem tocar nele...

Dora era corpo só. E uma bondade inconciente. Eu não tinha corpo mas era protetor. E principalmente era o que sabia as coisas. Desta vez amor não se uniu com amizade. O amor foi prá Dora, a amizade pra mim. Natural que o Ellis procedesse dessa forma, sendo um frouxo.

Batizado fatigante. Não paga a pena a gente imaginar que todos somos iguais, besteira! Mamãi, por causa da muita religião, imagina que somos. Inventou de convidar Ellis, mãi e tutti quanti pra comer um doce em nossa casa, vieram. Foi um ridiculo oprimente pra nós os superiores, e deprimente pra êles os desinfelizes. Estavam esquerdos, cheios de mãos, não sabendo pegar na chicra. E eu então! Qualquer gesto que a gente faz, pegar no pão, na bolacha, pronto: já é diferente por classe da maneira, igualzinha muitas vezes, com que o pobre pega nessas coisas. Parece lição. A gente fica temendo rebaixar o outro e tambem já não sabe pegar na chicra mais. Custei pra inventar umas frases engraçadas, depois reparei que não tinha graça nenhuma por causa da Dora se dependurando nelas, não deixando a graça rir. De repente fui-me embora.

Não levou nem semana, o desgraçadinho pegou mirrando mais, mirrando e esticou. Número dois.

Ellis nem poude tratar do entêrro. Não é que entivesse penando muito mas o caroço tinha dado de crescer no lado esquerdo agora. Na véspera Ellis tivera uma vertigem, ninguem sabe porquê, junto do filho morrendo. Foi pra cama com febrão de quarenta-e-um no corpo tremido.

Era a tuberculose galopante que, sem nenhum respeito pelas regras da cidade, estava fazendo cento-e-vinte por hora na ráia daquele peito apertado. Quando Ellis soube, virou meu filho duma vez. Mandava contar tudo pra mim. Mas não sei por que delicadeza sublime, por que invenção de amizade, descobriu que não me dou muito bem com a tisica... O certo é que nunca me mandou pedir pra ir vê-lo. Fui. Fui, tambem uma vez só de passagem, falando que era hora de ir pro trabalho. Mas não deixei faltar nada pra êle. Nada do que eu podia dar, está claro, leite de vacas magras.

Durou tres meses, nem isso, meses em que me parece foi feliz. Sim, porquê virara criança, e talvez pela primeira vez na vida, inventava essas pequenas faceirices com que a gente negaceia o amor daqueles por quem se sabe amado. Mantimento, remedios, roupa, tudo minha mãi é que providenciava pra êle, conforme desejo meu. Pois de sopetão vinha um pedido engraçado, que Ellis queria comer sopa da minha casa, que si eu não podia mandar pra êle u'a meia igualzinha áquela que usara no batisado do desgraçadinho, com lista amarela, outra roxa até em cima... Uma feita mandou pedir de emprestado a almofada que eu tinha no meu estudio e que, êle mandou dizer, até já estava bem velha. E' logico que a almofada foi, porêm dadinha duma vez.

Da minha parte era tudo agora gestos mecanicos de protetor. Meu Deus! como a vida esperada se mecaniza... Não sei... Ellis creio que não, mas eu já fazia muito que estava acostumado a sentir Ellis morto. E aquela espera da morte já pra mim era bem u'a morte longa, um andar na gandaia dentro da morte, que não me dava mais que uma saudade comoda do passado. Era amigo dele, juro, mas Ellis estava morto, e com a morte não se tem direito de contar na vida viva. Ele, isso eu soube depois, êle sim, estava vivendo essa morte já chegada, numa contemplação sublime do passado, unica realidade pra ele. Dora tinha sido uma função. A vida prática não fôra sinão comer, dormir, trabalhar. No que se agarraria aquele morto em ferias? Em mim, é logico. Isso eu sube depois... Levava o dia falando no amigo, pensando no amigo. E todas aquelas faceirices de pedidos e vontadinhas de criança, não passavam de jeitos de se recordar mais objetivamente de mim. De se aproximar de mim, que não ia vê-lo.

Cheguei em casa pra almoçar, a mãi do Ellis viera dizer que êle estava me chamando. Não gostei nada. Si agora êle principiava pedindo mais isso, eu que não gosto nada de tisica... Enfim mandei a criada lá, que depois do almoço ia.

Quando cheguei na porta, os uivos da mãi dele me deram a noticia inesperada. Sim, inesperada, porquê já estava acostumado a ficar esperando e perdera a noção de que o esperado havia mesmo de vir. Entrei. Estavam uma italianona vermelha de tanto chôro por tabela e dois tizius fumando.

— Morreu!

— Ahm, su Beladzarte, tanto que o povero está chamando o sinhôre!

— Mas já morreu, é!

— Que esperandza! desde manhãzinha está cham...

— Onde êle está?

Um dos tizius.

— Está lá dentro, sim senhor.

Jogou o cigarro e foi mostrando caminho. Segui atráz. Pulei por cima dos uivos saindo duma furna que nunca viu dia, e lá numa sala mais larga, com entrada em arco sem porta dando pro quintal interior, num canto invisivel, chorava uma vela. Era ali. Ellis vasquejava com as borlas dos caroços pendurados pros lados, medonho de magro. Estava morrendo desde manhã, sempre chamando por mim.

— Mas porquê não me avisaram!

Eram não sei quantas vezes que agarravam a vela nas mãos dele já em cruz, pra sempre fantasiadas de morte. De repente soluço parava. Engulia em sêco e pegava me chamando outra vez. Afinal parara de chamar fazia mais de hora. Parece que a coisa estava chegando. Falei baixo, sem querer me acomodando com o silêncio da morte:

— Ellis!... ôh Ellis!

Nada. Só o respiro serrando na madeira sêca da garganta. Os outros me olhavam, esperando o bem que eu ia fazer pro coitado. Até parecia que o importante ali eu era. Insisti, lutando com a amizade da morte, mais uniforme que a minha. Com mentira e tudo, até me parece que eu insistia mais pra vencer a predominancia da morte, e aqueles assistentes não me verem perder uma luta. Botei a mão na testa morna de Ellis. Havia de me sentir.

— Ellis! sou eu, Ellis!... Sossegue que já cheguei, ouviu! Estou juntinho de você, ouviu!... Ellis!

O soluço parou.

— Pronto! Ansim que está fatchendo desde de manhán, ô povero!... Tira áa vela, Maria!

— Deixe a vela, ôs Ellis!

Ellis abriu as palpebras, principiou abrindo, parecia que não parava mais de as abrir. Ficaram escancaradas mas olio de babosa não vê que escorrendo mais! pupilas fixas, retas, frexando o této preto. Pus minha cara onde elas me focalizassem.

— Estou aqui, Ellis! Não tenha medo! você está me enxergando, heim!

— Está sim, seu Belazarte. Viu! desde manhã que está de ôlho fechado. Ele queria muito be...bem o senhor! tambem... tambem o senhor tem sido muito bom pro coitado... de meu filho, ai!... aaai! meu filho está morrendo, ahn! ahn! ahn!...

— Ellis! você está precisando de alguma coisa, heim! Eu faço!

A gelatina me recebia sem brilhar. As palpebras foram cerrando um bocado. Instintivamente apressei a fala, pra que os olhos ainda recebessem meu carinho:

— Eu faço tudo pra você! não quero que te falte nada, ouviu bem!

Os olhos se esconderam de todo com muita calma.

— Meu filho morreu! ai, ai!... Aaai!...

Tive um momento de desespêro porquê Ellis não dava sinal de me sentir. Insisti, mais, ajoelhando junto da cama.

— Ora, o que é isso, Ellis!...

— ahan... só falava no senhor, ahn... hontem mesmo disse pra mim, ahan, que ahn, milhorando cavava um poço... fundo, ahn... pra enterrar todos os mi...microbios pra depois, pedir pra morar, ahn... no porão da casa do senhor... aa!

— Levem ela! não vale a pena êle estar escutando êsse chôro!

Transportaram os uivos. Estaria escutando ainda? Insisti, numa esperança, exacerbada pela anedota da negra, sem querer, perverso, voz pura, doce de caricia:

— Ellis! você não me responde mesmo!

Abriu um pouco os olhos outra vez. Me via! ... foi tão humilde que nem teve o egoismo de sustentar contra mim a indiferença da morte. O olhar dele teve uma palpitação franca pra mim. Ellis me obedecia ainda com êsse olhar. Fosse por amizade, fosse por servilismo, obedeceu. Isso me fez confundir extraordinariamente com os manejos da vida, a morte dele. Desapareceu misterio, fatalidade, tudo o que havia de grandioso nela. Foi u'a morte familiar. Foi u'a morte nossa, entre amigos, direitinho aquele dia em que resolvemos, meu aniversario passado, êle ir buscar o casamento e a choferagem de ganhar mais.

Cerrava os olhos calmo. Pesei a mão no corpo dêle pra que me sentisse bem. Ao menos assim, Ellis ficava seguro de que tinha ao pé dele o amigo que sabia as coisas. Então não o deixaria sofrer. Porquê sabia as coisas...

Número tres.

Foram investidos, para o exercicio de 1938 e 1939, nos corpos dirigentes do Ideal Clube, os seguintes socios-proprietarios abaixo nomeados, acórde com as funcções a êles atribuidas: Assembléa Geral: Presidente, dr. Lourival Alves Muniz; 1.º Secretario, W. Penfold e 2.º Secretario, Maria d'Ascensão Bastos Fernandes. Escrutinadores: Eduardo da Costa Alves e J. W. Jones. Diretoria: Presidente, Alfredo Augusto de Lima e Castro; 1.º Vice-Presidente, José Nunes de Lima; 2.º Vice-Presidente, Francisco d'Assis de Souza Guimarães; 1.º Secretario, Clovis Barbosa; 2.º Secretario, Aluisio Marques Brasil; 1.º Tesoureiro, Dr. E. B. Kirk e 2.º Tesoureiro, João Donizetti Gondim. Conselho Fiscal: Raimundo Gama e Silva, Miguel Cruz Neto e João Tavares Carreira. Suplentes do Conselho Fiscal: dr. Daniel Sevalho Junior, Henrique Lima e dr. José Ferreira da Silva Junior.

●

Conforme noticiamos na nossa ultima edição, circulou hontem mais uma edição d'A SELVA, o magnifico periodico illustrado que Clovis Barbosa dirige com geraes applausos do publico, imprimindo-lhe a originalidade de sua personalidade marcante, ao mesmo tempo que lhe dá uma feição graphica differente, impar, calcada no bom gosto que todo mundo lhe reconhece e que nem seus mais ferozes adversarios podem negar.

O numero 8 da linda revista amazonense vem cheio de preciosa materia, tratando de uma serie enorme de assumptos da maior actualidade, de maneira vibrante, agil, elástica.

Somos gratos á visita que nos fez a confreira.

(D'"O Jornal", o grande diario da direcção de Henrique Archer Pinto).

"Onde se faz a literatura dos politicos e a politica dos literatos" ● ●

Amando Fontes, ex-deputado e romancista (de brim branco) e dois escriptores que são medicos : Peregrino Junior (ao fundo) e Dante Costa

Conclusão da pagina 7

conta as suas aventuras como fazendeiro em S. Paulo, ao mesmo tempo que o jovem romancista Lucio Cardoso, que escreveu "Maleita", conversa com o ensaista Octavio de Faria, ex-director da Escola de Philosophia. Chega o novelista Marques Rebello com uma pasta debaixo do braço. Conta uma anedocta terrivel a respeito de um amigo intimo, e o poeta Manoel Bandeira sorri. O pintor Luiz Jardim recebeu noticias de Gilberto Freyre, do Recife. Esse rapaz que está dando noticias do Mexico ao poeta Karan é o romancista Jorge Amado. Apparece o sr. Prudente de Moraes Netto. Vem entrando e vae sahindo gente. O ex-deputado e romancista Amando Fontes conversa com o ex-deputado e jornalista Osorio Borba. Entra uma bella senhora de chapéo branco. E' a poetisa Adalgiza Nery. Vem cumprimental-a um cavalheiro aloirado de ar timido : o pintor Candido Portinari. O sr. Pontes de Miranda discorre com energia sobre philosophos da Allemanha. São nomes indigestos que o sr. Euryalo Cannabrava tambem sabe pronunciar. O fazendeiro Salvador Piza, de S. Paulo, compra livros de Paul Morand e palestra com o consul Nelson Tabajara de Oliveira, que vae este mez para o Japão. O major Ignacio Verissimo, filho do grande critico, procura livros de politica internacional. O prof. Isnard Dantas Barreto, outro militar erudito, acaricia grossas lombadas. Alli estão a um cantinho, conversando baixo, o sr. Peregrino Junior e o sr. Homero Pires. Nervoso, inquieto, Annibal Machado dá noticias do seu romance "João Ternura", que um dia será publicado... pelos seus netos. Vem entrando e vae sahindo gente. O critico Octavio Tarquinio apparece sem o seu amigo e collega do Tribunal de Contas, sr. José Americo de Almeida. O escriptor de "Bagaceira", que tanto frequentava a livraria, não tem vindo mais. E' interessante notar que o sr. José Olympio é editor dos srs. José Americo, Armando Salles e Plinio Salgado. E editor tambem do sr. Francisco Campos. Além disso, editor da direita e da esquerda. Vem entrando e vae sahindo gente. O poeta catholico e antifascista Murillo Mendes recebe, da mocinha da caixa onde ha uma especie de posta-restante, uma revista que lhe mandam de Pernambuco. Vem o sr. Dias da Costa, vem o prof. Hermes Lima, vem Lucia Miguel Pereira, vem Sergio Buarque de Hollanda, vem o prof. Nelson Romero, vem Dante Costa. A loja de livros da rua do Ouvidor, 110 vae se enchendo e se esvasiando. Alli se discutem planos de romances e planos de politica...

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura